



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - BACHARELADO

O IMAGINÁRIO SOBRE OS IMIGRANTES ESPANHÓIS: UMA ANÁLISE NO
JORNAL O ESTADO DE S. PAULO NO ANO DE 1912

ISABELLE VALVERDE SILVA

FLORIANÓPOLIS

2022

ISABELLE VALVERDE SILVA

**O IMAGINÁRIO SOBRE OS IMIGRANTES ESPANHÓIS: Uma análise no jornal O
Estado de S. Paulo no ano de 1912**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em História. Orientador: Profa. Dra. Ana Luiza Mello Santiago Andrade

FLORIANÓPOLIS

2022

RESUMO

A imigração espanhola no início do século XX teve grande impacto para a sociedade brasileira, visto que o país se encontrava em um período pós-abolicionista e as relações de trabalho estavam enfrentando um novo panorama. O argumento da necessidade da mão de obra, o processo de embranquecimento nacional através das imigrações se mostrou uma alternativa agradável para o governo pautado nas teorias raciais da época, e para os donos das lavouras de café. São Paulo se tornou o centro cafeeiro e de maior expansão econômica do Brasil no século XIX, mas no início do século XX, pós-república, ganharam mais poder político. Esse fato transportou o país para uma realidade econômica de ascensão, enquanto a Europa enfrentava uma grave crise econômica. Assim, os imigrantes aportados no Brasil criaram relações de sociabilidade e se adaptaram a sociedade brasileira, entretanto, essa inserção na sociedade gerou estereótipos vinculados a sua nacionalidade. Portanto, o jornal *O Estado de S. Paulo* foi utilizado como fonte para analisar o imaginário sobre o imigrante espanhol que circulava pelo estado de São Paulo através do jornal, tendo como base o ano de 1912. O trabalho também irá abordar a migração espanhola para o Brasil no início do século XX, a constituição sobre o imaginário de uma nação, os ofícios/funções que esses imigrantes acabaram exercendo e os estereótipos que circulavam de maneira explícita e implícita vinculados crimes e moralidade.

Palavras-Chave: São Paulo; Imigração Espanhola; O Estado de S. Paulo; Imprensa Periódica;

ABSTRACT

The Spanish immigration in the beginning of the twentieth century had a big impact for the Brazilian society, as the country was on the post-abolitionist period and the work relations were facing a new scenario. With the argument of the need of labor, the process of national whitening through the immigration shows as a relief alternative to the racist government at the time, and for the coffee plantation owners. São Paulo became the coffee center and biggets economic expansion of Brazil in the early 20th century, this fact made Brazil rise economically, while Europe was facing a big economic crisis. The immigrants who were at Brazil, create sociability relations and adapted to the Brazilian society, this insertion create stereotypes linked to their nationalities. The newspaper O Estado de S. Paulo was used as a source to analyze the imaginary about the Spanish immigrant who circulated on the state of São Paulo at the newspaper. The paper will show the Spanish immigration in Brazil at the early 20th century, the constitution of the imaginary of a nation, the labor of this immigrants was doing and the stereotypes who circulated explicitly and implicitly linked to stealing, aggressions and morality.

Key Words: São Paulo; Spanish Immigration; The State of S. Paulo; Periodical Press;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA E A IMPRENSA.....	13
2.1 A MIGRAÇÃO DA EUROPA PARA O BRASIL.....	15
2.2 A IMPRENSA E A MIGRAÇÃO.....	21
3. O IMAGINÁRIO DE UMA NAÇÃO.....	29
3.1 O BRANQUEAMENTO NACIONAL.....	29
3.2 O IMAGINÁRIO SOBRE O IMIGRANTE ESPANHOL.....	34
3.3 A RELIGIÃO E OS REFLEXOS MORAIS.....	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
5. REFERÊNCIAS.....	47
6. ANEXOS.....	50

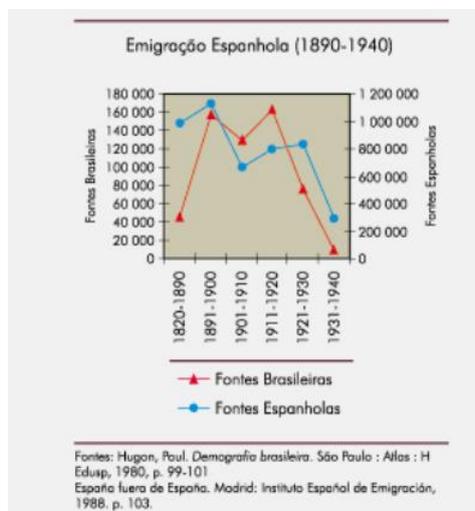
1.INTRODUÇÃO

Um novo cenário se instaurou no Brasil, com a abolição da escravatura (1888) as relações de trabalhos enfrentam um novo panorama. Ao mesmo tempo que o trabalho escravo chegou ao fim, ocorre a instauração das políticas de branqueamento nacional, utilizando como argumento a defasagem de mão de obra e inabilidade do liberto para o trabalho. Dessa maneira, as imigrações de diversos países do continente europeu aportaram no Brasil e desses imigrantes muitos dos brasileiros descendem. Nesse viés, os imigrantes espanhóis foram um dos maiores contingentes de pessoas que aportaram no país, e com a grande quantidade de imigrantes, os receios de oportunidade de trabalho para os estrangeiros e os costumes diversos resultaram em formações de estereótipos representados em veículos locais como o Jornal *O Estado de S. Paulo*. Logo, o trabalho circunda o imaginário sobre os imigrantes espanhóis no jornal *O Estado de S. Paulo* no ano de 1912.

Grande parte dos espanhóis se encontravam em São Paulo, portanto busquei uma fonte que contemplasse as notícias e impressões daquela sociedade nesse período. O jornal *O Estado de S. Paulo* foi o escolhido pois ao refletir sobre os periódicos disponíveis da época se mostrou significativo para a sociedade paulista sendo um forte veículo de informação ainda hoje. Além disso, é uma fonte interessante de se trabalhar por trazer informações sobre a quantidade de imigrantes que aportavam no país. O acervo do jornal se encontra disponível e aberto ao público no site (www.estadao.com.br), dependendo apenas do uso da internet para acessar todas as edições do recorte temporal da monografia. Para compreender o jornal e suas inclinações, será realizado um estudo sobre a história do jornal, quem era o editor da época, como funcionavam as colunas destinadas apenas para falar sobre os imigrantes, a organização. Os registros do IBGE são de grande valia para a comprovação da grande quantidade de imigrantes espanhóis dentro desse período, além de teses e dissertações baseadas nesse contexto, tanto de sociabilidade dos espanhóis, quanto das visões ante a imigração geral. Ademais, a junção dos tópicos migração e periódicos se conectou com a visão a qual o jornal teria dos imigrantes, portanto é necessária uma discussão sobre o conceito de imaginário e imaginário nacional através de Benedict Anderson e Cornelius Castoriadis, permeando as questões raciais que influenciaram tanto a migração por falta de mão de obra, quanto os estigmas conforme o país de origem.

Nesse viés, ao pensar nos fluxos migratórios, a migração dos espanhóis ocorreu em massa a partir de 1890, e de acordo com o IBGE se tornou o terceiro país com maior contingente

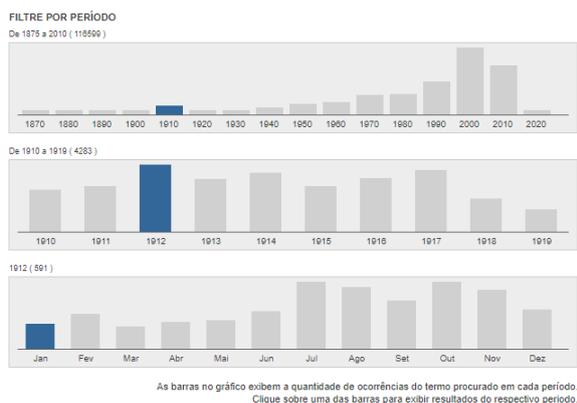
de pessoas que escolheram o Brasil como pátria, ficando atrás apenas de Portugal e Itália. A seguir, pode-se observar um gráfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) cujas migrações espanholas apresentam seus números de acordo com fontes brasileiras e espanholas.



Fonte: IBGE, o imigrante espanhol no cotidiano urbano¹

Ademais, a intensidade do fluxo referente ao gráfico do IBGE na linha das fontes brasileiras, aponta que as imigrações de espanhóis aumentaram consideravelmente de 1911 a 1920. Desta forma, isso conduziu a análise do período como uma época em que a quantificação das reportagens referentes aos espanhóis no jornal *O Estado de S. Paulo* seria mais intensa. Logo foi necessário fazer um recorte maior para realizar as análises e o ano de 1912 foi o que apresentou maior incidência. Assim, surge o questionamento, como ocorreu o processo de construção do imaginário sobre o imigrante espanhol no jornal *O Estado de S. Paulo* ante as fontes do ano de 1912?

¹ Disponível em <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/espanhois/o-imigrante-espanhol-no-cotidiano-urbano-brasileiro.html>



Incidência da palavra “hespanhol” no jornal *O Estado de S. Paulo*, disponível no acervo online do *Estadão*.

As migrações são comumente retratadas durante a história e causam desdobramentos diversos na historiografia. De acordo com Sasaki e Assis (2000) a migração caminhou de forma adjunta ao capitalismo e a urbanização das cidades. Vê-se o padrão recorrente em diversos continentes e períodos da história, sendo constatado como um problema sociológico, já que as cidades não estavam preparadas para a recepção de tais pessoas. Dessa forma, as questões relacionadas aos motivos e problemas da migração são diversos e neste trabalho irei utilizar a teoria de sistema-mundo, criada por Fernand Braudel e desenvolvida por Immanuel Wallerstein, Giovanni Arrighi e Samir Amin, por se tratar dos movimentos de migração do século XX. A teoria de sistema-mundo é retratada da seguinte forma: "explica o mundo como um único sistema de natureza capitalista, onde estão integrados todos os espaços nas suas múltiplas manifestações econômicas, políticas e culturais."(NOLASCO, 2016, p.22) Ante a isso, esse sistema se divide em três partes, o centro, a semi-periferia e a periferia, sendo de forma decrescente e respectiva a concentração de riquezas desses países, os dividindo também por produções e principalmente o desenvolvimento do mercado capitalista. Tal teoria implica diretamente no fluxo migratório que permeia as diferentes necessidades desse mercado (NOLASCO, 2016). O trabalho “Migrações Internacionais: Conceitos, tipologia e teorias” de Carlos Nolasco (2016) também será utilizado veemente para compreender os fluxos migratórios internacionais em diferentes momentos.

Outro conceito que será retratado no trabalho é o de imaginário. Cornelius Castoriadis trabalha o imaginário de forma que ele e o real não estão se opondo e sim em conformidade, por mais que normalmente seja associado a oposição. Através da constituição de imaginário, há o que é real, e o real conforma o imaginário (CASTORIADIS, 2000). Portanto, o imaginário não é menos real que a realidade, o imaginário dialoga com os símbolos e significados que uma

determinada sociedade mobiliza para compreender a si mesma. Considerando o trabalho de Benedict Anderson que circunda o imaginário nacional, irei trabalhar com o imaginário retratado dos espanhóis no Brasil.

Assim, dentro de um espírito antropológico, propõe a seguinte definição de nação - Uma comunidade política imaginada e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúsculas nas nações jamais conheceram, encontraram, ou sequer ouviram falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 1983, p.32)

Logo, para compreender o imaginário formado sobre os espanhóis que imigraram para o Brasil, é necessário fazer um paralelo entre os conceitos. Assim, o trabalho se constitui no âmbito da história das migrações e dialoga com a problemática social encontrada na época referente às interações interpessoais.

As políticas de branqueamento estão interligadas às teorias raciais que ganharam força no século XIX e conseqüentemente, na vinda dos imigrantes espanhóis. A visão teleológica, ou seja, que o mundo está sempre caminhando progressivamente destinado a um fim, é atrelada ao movimento do sujeito branco em direção ao futuro e ao desenvolvimento. Dessa forma, os conceitos de progresso e atraso de Koselleck (2006) ajudam a entender a inerência do sujeito branco para que haja “progresso”. As teorias raciais clássicas se estabeleceram na sociedade com força total no século XIX e início do século XX. Tendo em vista um ideal de “perfectibilidade” voltado aos padrões de raça pura, a mestiçagem era desprezada, portanto, casamentos híbridos eram considerados geradores de genes fracos e degenerados (SCHWARCZ, 1993). O conceito de raça surge com objetivo de catalogar plantas, entretanto no latim medieval esse significado se expandiu para a denominação de seres com fenótipos semelhantes. Ademais, a palavra “raça” se instaurou como um conceito que preservava a superioridade genética de nobres, aquilo que os classificaria como “raça pura” e os separaria dos plebeus. Assim, a partir do convívio com pessoas de outros continente começam a emergir dúvidas mediante as diferentes cores e características físicas, questionando até mesmo a sua humanidade, buscando nesse período a legitimidade através das escrituras; paulatinamente adentrando o imaginário das pessoas com uma relação de hierarquização por meio da “raça” (MUNANGA, 2003).

Nesse viés, os europeus se colocavam ante aos americanos, como um exemplo de raça pura, entretanto, a península ibérica não era considerada tão pura pela diversidade de povos que ali habitaram em diferentes períodos.

A vocação dos portugueses para a mestiçagem e a transigência em relação aos povos tropicais teriam sido adquiridas na convivência com árabes e judeus na Península Ibérica ao longo do medievo e, mais tarde, no contato com os próprios negros escravos trazidos da África para trabalhar na agricultura lusitana (SCHNEIDER, 2012, p. 77)

Logo, os advindos da península ibérica, ou seja, os Portugueses e Espanhóis, são considerados mestiços e aptos à mestiçagem com maior facilidade. Portanto, eram retratados de forma inferior nos aspectos de trabalho a outros imigrantes e representados por qualidades que fogem da moralidade. Vale lembrar que esse estigma não se equipara ao que os libertos sofriam, pois dentro das classes sociais o imigrante espanhol se destacava e era bem-quisto governamentalmente para fazer parte das políticas de branqueamento, ou seja, uma política racista para combater a população negra. Assim, é importante salientar essas diferenças, pois se o imigrante espanhol sofria por ser atrelado com a mestiçagem, o liberto era a personificação do que aquela sociedade abominava.

Contudo, os fins pretendidos com a pesquisa são, compreender a concepção do imigrante espanhol que se localizava no Brasil com o intuito de entender a visão do povo e da mídia; identificar a história da migração espanhola em São Paulo para compreender a forma com a qual eles eram retratados. Os objetivos específicos são explicitar as vantagens e desvantagens que o estereótipo desses imigrantes acarretou para suas famílias no intuito de compreender o reflexo da posição social dessas gerações; Entender as questões raciais da época na mídia brasileira para compreender o quanto influenciaram o imaginário sobre o espanhol e verificar a funcionalidade do jornal *O Estado de S. Paulo* mediante ao contexto imigratório, para entender a relevância que eles tinham nas mídias e contexto social.

A metodologia será voltada para a análise de periódicos, dessa forma o texto "História dos nos, e por meio dos periódicos" de Tânia de Luca (2005), será o norteador da metodologia aplicada para analisar o jornal *O Estado de S. Paulo*. Ademais, de forma conjunta ao quadro teórico, analisando os conceitos e utilizando os autores escolhidos para embasar e compreender a imigração espanhola e o imaginário formado, além das bibliografias relacionadas a diferentes aspectos dentro do prisma dos imigrantes espanhóis e o perfil criado a seu respeito. Dessa forma, o jornal é visto não mais como um meio de confirmar teorias, e sim uma investigação é feita a partir do jornal como fonte primária, analisando as interações políticas e influências sociais que os editores sofriam ante ao contexto inserido. Logo, não mais como uma fonte neutra, o jornal tem um teor político envolvido em cada uma de suas notícias (LUCA, 2005). Assim, busquei trazer essas representações da imprensa como objeto de pesquisa no meu

trabalho, vendo o jornal *O Estado de S. Paulo* como fonte primária e articulando outros autores para compreender o imaginário formado nas páginas.

Para pensar no uso de palavras chaves, além de convencionalmente pesquisar pelos principais termos, a visão de Carlo Ginzburg é interessante. Ele trabalha no texto *Conversar com Orion* (2005) com a pesquisa orientada através de palavras chaves que são descobertas no processo, cuja utilização te leva a caminhos desconhecidos e uma busca mais ampla em um prisma que o pesquisador não havia refletido anteriormente. O uso da ferramenta de busca, dessa forma, te leva a realmente pesquisar e adentrar perspectivas antes desconhecidas. Na minha pesquisa, iniciei com a palavra-chave *hespanhol* e revisei as mais de 500 ocorrências da palavra no jornal durante o ano de 1912, o panorama apresentado se resumiu muito mais a expressões veladas e circunstâncias que esses imigrantes estavam do que propriamente um termo ao qual me levaria a uma pesquisa mais profunda ante ao assunto. Ademais, esse processo de descoberta me levou à história do navio Valbanera, ao notar o nome nas referências sobre a chegada dos imigrantes e os navios que os traziam. Logo, a pesquisa sobre o navio me levou a um novo panorama, pois o acervo não explicitou notícias sobre o naufrágio quando pesquisado *Valbanera*, mas ao recorrer a palavra *Naufrágio* e filtrar para o ano do acidente, consegui encontrar resultados satisfatórios.

Dessa forma, as palavras *hespanhol*, *hespanhois*, *imigrante* e *Espanha*, foram utilizadas para a pesquisa no acervo do *Estadão*, tendo o foco na incidência da palavra *hespanhol*, pois sozinha já obteve um resultado de mais de 500 recorrências no jornal no ano escolhido. Assim, o jornal funciona com o sistema de filtro por ano e mês, e os critérios utilizados para a demarcação do tema foram ressaltados, obtendo as incidências do ano de 1912 e separando por mês de publicação. Essa separação foi realizada primeiramente através pastas divididas em meses de todas as reportagens interessantes sob uma análise prévia, e posteriormente, através da execução de uma tabela², relacionando os assuntos tratados entre esses meses. Dessa maneira, consegui traçar um caminho para a pesquisa, elencando os temas e visualizando o imaginário sobre o imigrante espanhol que se constituía através das páginas.

A estrutura do trabalho se divide em 2 capítulos, iniciando com a introdução. O capítulo 1 é intitulado *A imigração no início do século XX e a imprensa*, e possui dois subcapítulos, o primeiro para discutir as teorias de migrações, saber o porquê desses imigrantes estarem vindo para o Brasil, abordando as questões de trabalho deles. O segundo subcapítulo aborda a

² A tabela pode ser encontrada nos anexos.

imprensa brasileira, o início do século XX e a importância dela no contexto de migração, como a imprensa participa nesse trajeto e as propagandas para trazer imigrantes. O segundo capítulo intitulado *O imaginário de uma nação*, tem o foco no imaginário sobre o imigrante, com três subcapítulos. O primeiro traz as políticas de branqueamento que ocorreram no início do século XX e as teorias raciais que circundam o Brasil. No segundo traz a discussão do conceito de imaginário relacionado com a nação para pensar no imaginário sobre o imigrante. O terceiro discorre sobre o catolicismo e as discussões de moralidade e atraso vinculado à religiosidade do imigrante espanhol. O trabalho encerra com as conclusões finais, referências e anexos.

Em suma, o trabalho irá abordar o contexto do início do século XX para compreender tanto a migração, quanto a sociedade na qual o imigrante espanhol estava inserido. Mediante a isso, a fonte *O Estado de S. Paulo* nos entrega uma parcela do que era vendido nas bancas sobre os imigrantes, e a partir disso, iremos entender qual tipo de imaginário foi criado pelas páginas do jornal. A pesquisa também tomou rumos relacionados ao contexto trabalhista e a sociedade que esses imigrantes estavam inseridos, além da visão quanto a religiosidade e a moralidade dos indivíduos através das diversas publicações do jornal.

2. A IMIGRAÇÃO EUROPÉIA E A IMPRENSA

A imigração européia marcou de forma significativa o desenvolvimento do Brasil em diversos parâmetros, tanto com relação a mão de obra para o momento de industrialização que se estabelecia no Brasil, quanto na cultura encontrada em uma multiplicidade de locais do Brasil. A cultura européia que os imigrantes trouxeram é visível desde as construções arquitetônicas até as iguarias culinárias presentes em nosso país, no caso da herança portuguesa e espanhola, a própria distribuição das cidades irradia isso, com a praça no centro, casa de câmara e cadeia, e a igreja em um local mais alto. Partindo para um ponto de vista mais amplo, vemos a arquitetura do bairro da Liberdade, com forte influência japonesa, ou a cidade de Pomerode e Blumenau, com a arquitetura alemã. Na alimentação os colonos fizeram suas substituições pelos alimentos encontrados em solo brasileiro e oferecem comidas como, a cuca de colono alemão, a paella espanhola cheia de frutos do mar e assim por diante.

O conceito de trabalho que Sidney Chalhoub traz sobre o fim do século XIX nos ajuda a compreender as relações que a sociedade esperava desses imigrantes.

A noção primeira e fundamental é a de que o trabalho é o elemento ordenador da sociedade, a sua “lei suprema”. O cidadão recebe tudo da sociedade, pois esta lhe garante a segurança, os direitos individuais, a liberdade, a honra etc. O cidadão, portanto, está permanentemente endividado com a sociedade e deve retribuir o que dela recebe com o seu trabalho. (CHALHOUB, 2012, p.70)

Ademais, o trabalho também é relacionado com a moralidade cívica, o que ajuda a regenerar o ser (CHALHOUB, 2012). Essa ideia corrobora com a visão cristã do mundo, em livros bíblicos como Eclesiastes e 1 Tessalonicenses, cujo trabalho dignifica o homem e com o suor do seu rosto e o esforço de suas mãos ele deve adquirir seus bens para viver em tranquilidade. Em contrapartida, a visão capitalista adquire esse discurso o secularizando, utilizando a ideia de moralidade e dignidade para explorar os trabalhadores, com jornadas de trabalho altíssimas. De acordo com Chalhoub (2012), a relação com o patrão também é de suma importância nessa constituição de trabalho, pois ele age como juiz, guia e conselheiro. Chalhoub também ressalta a vadiagem, que seria a maior ameaça à ordem e ao respeito da propriedade, pois apresenta um risco para a moralidade.

A imprensa internacional, através de folhetos e posters, foi um instrumento nesse processo, servindo como propaganda para atrair esses imigrantes ao Brasil. Já na imprensa brasileira, podemos encontrar trechos que nos ajudam a entender as relações sociais entre imigrantes e brasileiros. Além disso, a atuação da imprensa também ocorreu na proliferação de estereótipos dos imigrantes através de crônicas e artigos apresentados, enquanto atravessava grandes mudanças ante as inovações industriais do início do século XX. Contudo, compreender

o desenvolvimento das migrações, suas causas e as questões sociais envolvidas é necessário. Assim, o capítulo a seguir irá se desenvolver trabalhando com a teoria Sistema- mundo para compreender os processos econômicos e sociais que implicam nas migrações, o contexto migratório do início do século XX, as causas dessas migrações e as relações de trabalhos desses imigrantes, em conjunto com o panorama da imprensa brasileira no início do século XX e as fontes do jornal *O Estado de S. Paulo*.

2.1 A migração da Europa para o Brasil

As migrações são comumente retratadas durante a história e causam desdobramentos diversos na historiografia. De acordo com Sasaki e Assis (2000), a migração teve um crescimento em consonância com o capitalismo e conjunto a urbanização e a industrialização.

[...] Richmond (1988), ao analisar os clássicos – Malthus, Marx, Durkheim e Weber – demonstrou que a migração era analisada enquanto consequência do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como os processos de industrialização e urbanização. Isto envolvia o declínio das comunidades rurais e a criação de culturas heterogêneas e cosmopolitas, na concorrência dos imigrantes por emprego e na luta para sobreviver numa cidade de ambiente estranho. (SASAKI; ASSIS, 2000, p.23)

Vê-se o padrão recorrente em diversos continentes e períodos da história, sendo constatado como um problema sociológico, já que as cidades não estavam preparadas para a recepção de tais pessoas. Dessa forma, as questões relacionadas aos motivos e problemas da migração são diversas e neste trabalho irei utilizar a teoria de sistema-mundo, desenvolvida por Immanuel Wallerstein. Essa teoria será aplicada para entender os processos migratórios para o Brasil do início do século XX, pois a compreensão dela nos permite entender a dinâmica entre países da época ante as relações de trabalho e necessidade de migração entre Europa e o Brasil.

A teoria de sistema-mundo é retratada da seguinte forma: "explica o mundo como um único sistema de natureza capitalista, onde estão integrados todos os espaços nas suas múltiplas manifestações econômicas, políticas e culturais." (NOLASCO, 2016, p.25). Ante a isso, esse sistema se divide em três partes, o centro, a semi-periferia e a periferia, sendo de forma decrescente e respectiva a concentração de riquezas desses países, os dividindo também por produções e principalmente o desenvolvimento do mercado capitalista. Tal teoria implica diretamente no fluxo migratório que permeia as diferentes necessidades desse mercado (NOLASCO, 2016).

Para entendermos a constituição dos países centrais, semiperiféricos e periféricos, Martins (2015) os sintetiza, classificando os países do Centro economicamente muito fortes, tendo um grande acúmulo de capital, tecnologia e exportador de mão de obra especializada, além de forte poder de persuasão cultural e identitária, expandindo sua cultura e política para

além de suas fronteiras. A Semiperiferia se constitui de poderio econômico baixo quando analisamos as questões tecnológicas, pois não a produz e sim a utiliza e incorpora sendo sua mão de obra semi-especializada e não especializada. No viés cultural, ela se atém a seu espaço geográfico, não exercendo uma expansão e grande influência para além disso, a sua identidade se constitui de pluralidades culturais e seu Estado tem um bom controle das políticas internas. Assim, a Periferia se atém a mão de obra e produção de produtos primários, politicamente fracos, multicultural com cosmologias vinculadas muitas vezes a religião e etnia na constituição das diversas identidades dentro de um só país. Uma forma de exemplificar a disseminação cultural dos países do Centro é pensar na ocidentalização implantada pelos países do continente europeu. Tanto na colonização, fazendo os povos que foram violentados aderirem novas culturas, quanto na manutenção desses ideais, criando sociedades racistas estruturalmente, almejando a ideia de civilidade dos europeus.

Dentro desta lógica, o Centro domina e sua discrepância para com a Periferia o torna muito mais forte, desde as questões militares até as questões econômicas, enquanto a Semiperiferia se encontra em um meio termo que desfruta de algumas comodidades do Centro, transformando-a em uma aliada para que mantenha o sistema (NOLASCO, 2016) Logo, as relações entre os países que se encontram nessa tripartição se veem em dependência, porém, com o Centro comandando e usufruindo dos meios dos outros países.

Em 1850 a Lei Eusébio de Queirós foi promulgada, nela o tráfico negreiro foi abolido. Consoante a isso, a Lei de Terras surge com o objetivo de utilizar a terra como mercadoria, criando novas posturas relativas à terra já que a abolição da escravidão estava caminhando. A lei previa acabar com as práticas dos posseiros, legalizar as terras com construções e plantações, além de vender as terras em desuso para utilizar o dinheiro no financiamento da mão de obra migratória. A Lei de Terras fracassou no viés da demarcação legal, sendo utilizado documentos forjados para a posse, não havendo regulamentação efetiva nesses quesitos (CAVALCANTE, 2005). Entretanto, em 1888 a Lei Áurea foi promulgada e a escravidão teve fim. Porém, a Lei de Terras implicou diretamente no futuro desses escravizados e da intensa mão de obra que foi necessária para suprir as lavouras. As terras vazias eram agora pertencentes do governo, logo não havia terras para os libertos habitarem ou plantarem, dificultando os meios de sobrevivência, pois eles não tinham dinheiro para comprar e não foram indenizados pelo tráfico e nem pela escravização que ocorreu com eles. Assim, os imigrantes que vinham para o Brasil recebiam uma condição melhor, vinculados a acordos entre os países de origem e o Brasil, mas o governo não tinha condições de sustentar essa intensa quantidade de imigrantes, sendo São

Paulo o único local que pôde sustentar por seus próprios ganhos enquanto os outros estados dependiam do tesouro nacional (CAVALCANTE 2005). Logo, a Lei de Terras inviabilizou que aqueles que não tinham terras e nem condições de comprá-las tivessem algum local para moradia, nem para plantação, ocasionando em meios de impossibilitar a sobrevivência dessas pessoas, como foi o caso dos libertos, criando uma manutenção do sistema latifundiário do país ao transformar a terra em capital.

No viés do grande contingente de imigrantes advindos da Europa, as lavouras necessitavam urgentemente de mão de obra, agora que os escravizados haviam sido libertos, os imigrantes foram a solução que mais agradou o governo brasileiro devido às políticas de branqueamento que se instauraram no país. Logo, ao invés de requerer aos trabalhadores nacionais, viu-se uma oportunidade de continuar com a ideia de branquear o país.

Não se pode esquecer que na segunda metade do século XIX o Brasil passou por um processo que reduziu o número de escravos e aumentou gradualmente o preço deste tipo de mão de obra. O resultado foi uma crise na demanda deste recurso para as fazendas de café da província paulista. Várias propostas surgiram, como a utilização do trabalhador nacional, a imigração asiática e até mesmo a utilização dos ex-escravos na condição de livre, mas nenhuma delas teve tanto apoio quanto à utilização do trabalhador europeu. (CARREGA, 2017, p.6)

Dessa maneira, as crenças racistas de que o homem branco seria o mais apto para exercer os trabalhos devido às suas características se espalhavam pelo Brasil e resultava nas preferências por esses trabalhadores. Logo, o governo brasileiro começou um grande incentivo para propagar a ideia de uma terra paradisíaca, cheia de tesouros que poderiam mudar a vida de europeus que estavam cheios de dívidas e problemas em seus respectivos países, causando o anseio de deixar sua pátria e tentar uma nova vida no Brasil (SCHWARCZ; STERLING, 2015).

A maior parte dos imigrantes transatlânticos dirigiu-se para a América do Norte, mas 22% deles — em torno de 11 milhões — desembarcaram na América Latina: 38% eram italianos, 28% espanhóis, 11% portugueses, e 3% franceses e alemães. Desse contingente, 46% se dirigiram à Argentina; 33% ao Brasil; 14% a Cuba, e o restante dividiu-se entre Uruguai, México e Chile. (SCHWARCZ; STERLING, 2015, p.441).

A Europa no início do século XX vivia um contexto pré primeira guerra mundial, a chamada belle époque. Se constituía em uma vasta industrialização, criação de grandes centros comerciais e de produção, a personificação dos ideais capitalistas que estavam sendo difundidos no período. Ademais, a pobreza e dificuldade de se estabelecer com uma vida digna era a realidade de muitos europeus em diversos países, e essa vivência implicava em alternativas para melhoria de vida. Consoante a isso, as propagandas e incentivos vindo das Américas os faziam acreditar que seria diferente a situação, um local para explorar e fazer uma

nova vida, algo que remonta um saudosismo colonial advindo desses países. Portanto, o fluxo migratório se expande pouco antes de estourar a grande guerra.

Lília Schwarcz e Heloisa Sterling (2016) trabalham com o contexto da migração europeia apresentando os locais onde esses imigrantes se fixaram, majoritariamente ao sul do país e ao sudeste, sendo os espanhóis e portugueses em grande quantidade em São Paulo. Dessa forma, os imigrantes encontraram dificuldades na adaptação relacionadas a realização de trabalhos, sendo enviados para os campos de café, e uma parcela procurando trabalhos nas cidades que apresentavam transformações constantes, se adequando aos processos de industrialização.

O governo federal e o governo de São Paulo investiram para que os imigrantes viessem, principalmente para as fazendas de café, por ser algo favorável aos grandes fazendeiros do Estado. Assim, quando um imigrante vinha subsidiado pelo governo, ele já recebia o caminho indicado para as fazendas de café, onde iria trabalhar e assim por diante. Entretanto, muitos imigrantes vinham por conta própria, buscando caminhos mais amplos nas cidades (MARTINS, 1989). Logo, uma quantidade abrupta de imigrantes se instalou no Brasil, e aqueles que vinham por conta própria não possuíam terras ou qualquer benefício do governo, se colocando em condições difíceis e ocupando locais como cortiços na cidade de São Paulo (MARTINS, 1989).

A aceitação da população local para com os imigrantes também pendia quando relacionamos com os costumes locais, ocorrendo dificuldades com a alimentação, língua e hábitos de higiene diferentes entre os povos. Ademais, a diversidade de imigrantes também contribuiu para um estranhamento dos brasileiros, convivendo com culturas de italianos, espanhóis, alemães, portugueses e japoneses. O jornal *O Estado de S. Paulo* em um editorial referente a imigração espanhola, explana de maneira pejorativa a visão que o brasileiro tinha sobre os imigrantes espanhóis.

A emigração para o Brasil havia sido proibida porque um delegado de Maura andou aí por S. Paulo e escreveu o que não viu. O partido católico é contrário à emigração, porque entende que o espanhol não deve emigrar [...] Mas, o espanhol que sabe, porque lhe disseram que na América há muito trabalho, que o salário é bom, e que o António ou o Paco, que para lá partiram, atravessando livremente el charoo grandes, metidos nas suas alpargatas rotas, no seu chapéu largo, e sem uma eperra chica, e agora são negociantes fortes, agentes de companhias e até banqueiros [...] Todos deixam a Espanha numa ânsia, num desespero, de quem se sente oprimido, pobre, desiludido, irresistivelmente condenado a deixar a pátria em procura de fortunas. [...] Milhares de espanhóis enchem os vapores que de Gibraltar, partem para a América do Sul. (O Estado de S. Paulo, 1912, p.10)

O ideal da terra paradisíaca localizada do outro lado do mar é ressaltado e de conhecimento dos brasileiros, o modelo que estava se formando mundo afora era enganoso, porém, eles viam os imigrantes como pessoas muito pobres que não tinham mais futuro em seu país de origem, vendo como única alternativa a ida para o além-mar. A restrição de embarque também é relatada no trecho, o que identifica os problemas com a quantidade de migrantes da Espanha que estavam vindo para o Brasil, além da intervenção política do partido católico³, que não se agradou com o desapego pela pátria em grande escala que estava ocorrendo no país, principalmente no ano de 1912. A fala do imigrante também é estereotipada, fazendo uma mistura do espanhol com o português, das suas vestes e expressões típicas, formando um estigma vinculado ao seu país.

A grande quantidade de imigrantes gerou um aumento significativo na população e atrelado com a primeira guerra mundial, a década de 1910 foi uma época de grandes avanços industriais. Grande parte desse caudal emigratório espanhol movia-se fugindo da crise econômica, da miséria, das convocações militares para as guerras coloniais e da falta de perspectiva no futuro, trazendo, em sua bagagem imaginária, o desejo de melhoria em sua condição de vida e o sonho do retorno ao seu país de origem (CANOVAS, 2007). De acordo com o *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho* (apud MARTINS, 1989) dos 192.206 espanhóis que emigraram para São Paulo entre 1908 e 1926, 81,4% eram agricultores, e apenas 2,2% eram artistas (artesãos e operários) e em outras ocupações se encontravam 16,3% dos espanhóis. Logo, a maioria dos imigrantes não fazia parte de uma alta camada social e especializada, e sim de um viés agrícola e operário. Ademais, os imigrantes, mesmo que em baixa porcentagem (18,5%), também fizeram parte dos grandes centros urbanos “Além de camponeses, entraram no país pedreiros, padeiros, sapateiros e pequenos comerciantes — diversificando o quadro de serviços urbanos.” (SCHWARCZ; STERLING, p.445, 2015). Portanto, contribuíram na formação da identidade nacional da cidade de São Paulo, ante a multiplicidade cultural que a cidade recebeu.

A partir da década de 1870, São Paulo tornou-se palco privilegiado para transformações socioeconômicas, urbanísticas, físicas e demográficas. Pressionada pela prosperidade da lavoura cafeeira e pelas tensões derivadas do fim da escravidão no país, a antiga cidade se transformava na “metrópole do café”: um entreposto comercial e financeiro. Foi a época da criação do Instituto Butantã (que produziu soros à base de veneno de cobra), da inauguração da iluminação elétrica e dos transportes públicos orquestrados pela estrada de

³ O partido Integrata foi fundado em 1888, era o partido católico espanhol. Ele era a favor primeiramente da submissão da Espanha como país católico ao Papa e a Igreja Apostólica Romana e posteriormente da instauração da monarquia, trazendo o aspecto da Espanha imperial (GOLÇALVES, 2007).

ferro. Novas vias foram abertas, prolongaram-se velhas estradas, ampliaram-se largos, e surgiram novos jardins públicos. Tantas alterações levariam a mudanças claras no comportamento da população local. [...] E também em São Paulo o processo de urbanização implicou o “embelezamento” da cidade, mas igualmente a expulsão da pobreza. Se a infraestrutura da cidade foi alterada com a abertura de novos bairros e ruas elegantes como a avenida Paulista, casebres e favelas foram destruídos, com o objetivo de garantir o prolongamento e ampliação de ruas, largos e praças. (SCHWARCZ; STERLING, 2015, p. 447)

Logo, as mudanças referentes à cidade implicaram não só nas questões da busca pelo “progresso” industrial, mas também o distanciamento da imagem de pobreza dos grandes centros urbanos, gerando uma nova paisagem social e estrutural, movida pela burguesia em ascensão.

No prisma dos alcances da industrialização brasileira, o sonho empregado aos imigrantes era muito vinculado às possibilidades de trabalho que eles poderiam exercer, porém, as oportunidades os levaram a outros caminhos.

Na cidade de São Paulo, parece ter denotado, já de imediato, a vinculação a atividades e ocupações eventuais e de pouco ganho, a pequenas incumbências ocasionais, ao subemprego e a serviços autônomos, enfim, a inúmeras atividades improvisadas e marginais ao processo produtivo da nova conjuntura urbana, que, por suas características, se apresentam de difícil aferição documental. [...] ganha sentido e corpo e se reforça, no caso específico do espanhol, pela evidência inequívoca o progressivo aparecimento de uma maioria *jornalera* então habitando na cidade. (CANOVAS, 2007, p.125)

O imigrante também participava de trabalhos informais, como os carroceiros autônomos. Na construção civil participavam no transporte de materiais como tijolos, areias e carvão, além do industrial no segmento têxtil (CANOVAS, 2007). A utilização desses trabalhos mostra a falta de ofícios seguros financeiramente e fisicamente.

Ao pesquisar a palavra-chave “espanhol”, encontrei diversas publicações de duas colunas presentes no jornal *O Estado de S. Paulo*, a *desastres* e a *medicados na Santa Casa*. Essas colunas aparecem para notificar a população sobre as tragédias que ocorriam com as pessoas e relatar os cuidados e internações na Santa Casa de Misericórdia, localizada em São Paulo. As pessoas são apresentadas com seus nomes e origem, relacionado ao desastre ou o porquê de estar internado na Santa Casa. Dessa maneira, ao encontrar a referência da origem como “espanhol”, a maioria dos motivos estava interligada com trabalhos que esses imigrantes exerciam, e a partir disso, podemos conhecer esses ofícios. Alguns dos campos que esses imigrantes atuavam, encontrados no jornal, eram como funcionários da pedreira da cidade, padeiro e trabalhador nas obras da santa casa da misericórdia. Logo, os trabalhos eram considerados perigosos e arriscados.

Abaixo podemos ver uma página do *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho* de 1912, disponibilizado na biblioteca digital Sead, no site do governo de São Paulo⁴. A imagem apresenta as estatísticas de desastres que ocorreram com os empregados no mês de julho do ano anterior. Como os dados apresentam, a maior incidência de desastres se apresenta com operários, carroceiros, pintores, mecânicos, pedreiros e trabalhadores, tendo um acidente grave com um padeiro. Os acidentes que levaram a óbito foi o de um operário e de um pedreiro. Tais profissões eram exercidas, como vimos pelas fontes dos jornais e pelos trabalhos citados, com veemência pelos imigrantes espanhóis, o que enfatiza as questões de riscos às quais eles se submetiam. Assim, essa imagem exemplifica o quão perigoso eram essas circunstâncias para os imigrantes que se submetiam a esses trabalhos.

Estatística dos accidentes no trabalho ocorridos

Numero de ordem	PROFISSÕES	Danno recebido				Edades					
		Leve	Grave	Morte	TOTAL	10 a 16 annos	17 a 20 annos	21 a 30 annos	31 a 40 annos	41 a 50 annos	51 a 60 annos
1	Artista	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—
2	Boiadeiro	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—
3	Carpinteiros	3	—	—	3	—	1	1	—	—	—
4	Carregador	1	—	—	1	—	—	—	—	1	—
5	Carroceiros	11	3	—	14	1	2	8	2	1	—
6	«Chauffeurs»	3	1	—	4	—	2	2	—	—	—
7	Cocheiro	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—
8	Cozinheira	1	—	—	1	—	1	—	—	—	—
9	Empregados no commercio	2	—	—	2	1	1	—	—	—	—
10	Empregado da Companhia do Gaz	1	—	—	1	—	—	—	1	—	—
11	Empregados do Correio	5	1	—	6	—	—	3	3	—	—
12	Empregados da Light	2	—	—	2	—	1	—	1	—	—
13	Empregados da Limpesa Publica	2	2	—	4	—	—	—	2	2	—
14	Empregado publico	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—
15	Encanador	1	—	—	1	—	1	—	—	—	—
16	Ferreiro	—	1	—	1	—	—	—	—	—	—
17	Foguistas	2	—	—	2	—	—	2	—	—	—
18	Funileiro	1	—	—	1	1	—	—	—	—	—
19	«Garçon»	1	—	—	1	—	—	—	—	1	—
20	Guardas civicos	3	—	—	3	—	—	1	2	—	—
21	Guarda de theatro	—	1	—	1	—	—	—	—	1	—
22	Jardineiro	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—
23	Lavradores	2	—	—	2	—	—	1	1	—	—
24	Machinistas	1	1	—	2	—	1	—	—	—	—
25	Manobrista	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—
26	Marceneiro	1	—	—	1	—	—	—	1	—	—
27	Marmorista	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—
28	Mecanicos	1	2	—	3	—	1	—	1	—	1
29	Motorneiros	2	—	—	2	—	—	1	1	—	—
30	Negociantes	2	—	—	2	—	—	—	—	1	1
31	Operarios	13	10	1	24	7	4	6	3	4	—
32	Padeiro	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—
33	Pedreiros	11	8	1	20	4	—	7	2	5	2
34	Pintores	1	—	—	1	—	—	1	—	—	—
35	Serviços domesticos	1	—	—	1	—	—	—	1	—	—
36	Trabalhadores	5	1	—	6	1	2	3	—	—	—
37	Vendedor ambulante	1	—	—	1	—	—	—	—	—	—
		84	36	2	122	16	19	44	22	16	5

Boletim do Departamento Estadual do Trabalho de 1912

O Estado brasileiro tinha projetos de imigração para o campo, e em São Paulo muitos imigrantes também adentraram esse espaço, mesmo que no jornal podemos encontrar diversos exemplos de pessoas nas cidades, as fazendas cafejeiras ficaram cheias de imigrantes.

⁴ <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10013415&parte=1>

Já no caso dos cafezais, e em especial em São Paulo, o modelo que vingou foi o da imigração estrangeira subvencionada pelo Estado ou pelos proprietários de terra, para o trabalho direto nas fazendas. Assim, foram poucos os núcleos que prosperaram no Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina ou Paraná, enquanto a imigração que visava à cafeicultura se expandiu. Em São Paulo foi fundamental a ação do governo estadual. (SCHWARCZ; STERLING, 2015, p. 442)

O trecho a seguir do jornal *O Estado de S. Paulo* mostra como a imprensa da época tinha consciência da divisão de imigrantes para esses fins, “De 1903 a 1908, a imigração forneceu ao Estado de S. Paulo 142.625 indivíduos, dos quais seguramente 90 por cento destinados à agricultura. Tendo braço para suas lavouras e terras aproveitadas pelos seus colonos, pôde essa região do país aumentar de modo surpreendente a sua produção de café e de todos os cereais adaptados” (O Estado de S. Paulo, 1912, p.9)

Ademais, alguns anúncios de músicos ou trabalhadores de artes também são possíveis de encontrar nas páginas, porém, majoritariamente os trabalhos remetem repetidamente ao braçal. Marília Canovas (2007) traz também em sua tese *Imigrantes espanhóis na paulicéia: Trabalho e sociabilidade urbana, 1890- 1922*, o viés do imigrante espanhol como um profissional liberal, porém, era algo restrito para poucos e principalmente, para aqueles que já eram abastados, se distanciando da realidade da maioria dos imigrantes. Eram esses, advogados, engenheiros, médicos e assim por diante. Consoante a esses trabalhos, o jornal relata em uma coluna no mês de setembro sobre o que os imigrantes podem contribuir para o país, “(A Espanha) dará ao Brasil os braços para a lavoura, para as indústrias e para as artes de que tanto necessita a nossa terra.” (O Estado de S. Paulo, 1912, p.10). Portanto, é expressa uma visão de recepção e necessidade da contribuição do imigrante, tanto para os trabalhos do campo, quanto na indústria e nas artes, algo que expande os horizontes do acolhimento aos imigrantes, porém os destina a lugares específicos na pirâmide hierárquica. Ante a isso, a visão da necessidade do europeu inferir nas artes remonta um aspecto colonial intrínseco à escrita, já que renega a produtividade e criatividade do brasileiro, buscando referências fora do país. Logo, os ideais coloniais permeiam a sociedade brasileira do século XX, enfatizando a qualidade da arte e do trabalho do imigrante branco quando comparada aos nascidos nos trópicos. Um fruto das ideias racistas de branqueamento que circulavam pelo país.

2.2 A imprensa e a migração

Inovação era a palavra que circundava o sudeste brasileiro, a malha ferroviária, a alta da imigração com uma fusão de culturas. O novo panorama se constituía de uma introdução na modernidade, o anseio pela ideia de progresso tão presente já naquele momento, tudo isso simbolizava o crescimento e transformações da indústria no dia a dia. Consequentemente essa

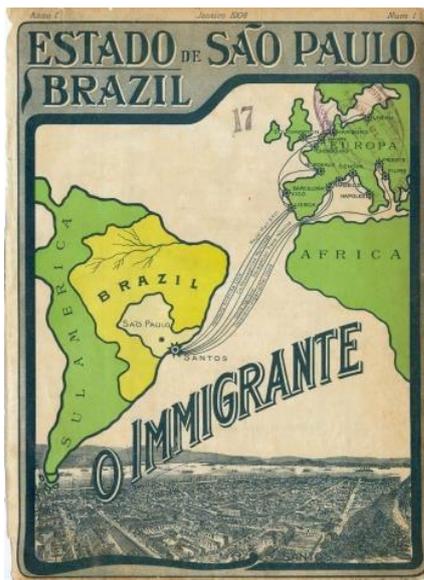
mudança trouxe uma nova demanda de informações, informações mais rápidas para os veículos e a distribuição de notícias de um modo muito mais eficiente, e o anseio pelo consumo de novas notícias andava de forma conjunta. “As novas tinham que ser difundidas imediatamente: já não se podia esperar até a manhã seguinte; daí a multiplicação de edições sucessivas e das folhas vespertinas, lançadas no decorrer da tarde, para dar conta do que se passara no próprio dia.” (LUCA, 2013, p.2). As mudanças também ocorreram na maneira como os jornais e revistas apresentavam o conteúdo, trazendo inovações para esses aspectos, com crônicas, reportagens e entrevistas. Além disso, a equipe das redações teve aprimoramento significativo, com fotógrafos, colunistas, redatores, desenhistas e assim por diante, pois a industrialização trouxe um novo panorama para as redações. As formas como as notícias se propagam também sofreram alterações, dando espaço para folhetos e para a própria publicidade (LUCA, 2013).

As inovações não se limitaram às mudanças na estrutura de produção, organização, direção e financiamento, atingiram também o conteúdo dos jornais e sua ordenação interna, que começou a exigir gama variada de competências, fruto da divisão do trabalho e da especialização. Esta, por sua vez, não se circunscreveu à composição e a impressão propriamente ditas, mas atingiu a própria fatura do conteúdo, que passou a contar com redatores, articulistas, críticos, repórteres, revisores, desenhistas, fotógrafos, além de empregados administrativos e de operários encarregados de dar materialidade aos textos. (LUCA, 2013, p.3)

Ademais, a imprensa moderna teve uma grande mudança em relação ao conteúdo compilado e apresentado, a busca incessante pela verdade deu lugar a um espaço mais amplo de anúncios e matérias pagas, se atrelando a narrativas publicitárias diversas, tirando o aspecto rígido das matérias (LUCA, 2013) Logo, a nova face da imprensa brasileira retrata as urgências do século XX.

As propagandas também se relacionavam com imagens ⁵vendidas na mídia. O jornal *O Imigrante* ilustra o uso dessas imagens.

⁵ Imagem disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Immigration_arabe ; carte_couverture - 1908.jpg



O imigrante, nº1, janeiro de 1908.

Nesta imagem vemos um intenso fluxo migratório da península ibérica e em menor intensidade de outros locais do continente Europeu e Africano. Esses imigrantes aportaram em Santos, no estado de São Paulo, mostrando que esse é o local que está receptivo a imigração. No plano inferior da imagem podemos notar a cidade de Santos e ao fundo o porto, exemplificando ainda mais as questões de migração. Os portos também estão marcados nos países europeus, demonstrando as rotas realizadas por esses migrantes durante suas viagens.



Poster oficial do governo japonês⁶

⁶ Disponível no *museu da imigração japonesa no Brasil* em São Paulo de acordo com o livro *The Making of Japanese Settler Colonialism: Malthusianism and Trans-Pacific Migration, 1868–1961*

Neste pôster um homem com uma enxada nas mãos e o que parece uma mulher e uma criança nos braços, ele sinaliza o Brasil. A tradução da escrita seria “Junte-se a sua família, venha para a América do Sul” Dessa forma, o homem que se assemelha a um trabalhador das lavouras do japão, nos apresenta uma leitura de oportunidade para aqueles que se identificam com ele. Logo, o governo estava incentivando a população camponesa a viajar para o Brasil e trabalhar nos nossos campos, visto que o Brasil se encontra destacado no mapa. Ademais, sabe-se que os japoneses apresentaram um grande contingente de imigrantes que aportaram principalmente em São Paulo, adjunto de portugueses, italianos e espanhóis, além de outras etnias com menor quantidade.

Consoante a isso, a imprensa brasileira utilizava de seus recursos para produzir propagandas e atrair os imigrantes para o país, para que dessa forma alcançassem um ideal de desenvolvimento europeu. Portanto, “A Sociedade Central de Imigração foi fundada no Rio de Janeiro em outubro de 1883 [...]. Seus principais membros eram profissionais liberais urbanos da cidade sede, mas teve atuação de outros centros urbanos através da fundação de sociedades filiais em muitas províncias do Brasil” (CARREGA, 2017, p.266) A Sociedade Central de Imigração tinha um boletim ao qual publicava propagandas imigrantistas mensalmente, e em raras ocasiões com incidência mais curta (CARREGA, 2017). Logo, essa classe burguesa e liberal que se formava no Brasil via nos ideais europeus o caminho para o progresso brasileiro, uma ideia que ascendia cada vez mais de forma conjunta ao capitalismo vigente em todo o desenvolvimento social do momento.

As propagandas eram destinadas principalmente para os excedentes os camponeses pobres que após migrarem dos campos para as cidades se encontram em situação de desemprego, entretanto, havia uma preocupação sobre de que forma esses migrantes chegaram no Brasil e contribuíram. “Era importante para a SCI que os imigrantes que chegassem tivessem condições reais desse desenvolvimento através exclusivamente de seu trabalho, assim defendiam que a propaganda externa fosse fiel e verdadeira, sem promover falsas esperanças a esses possíveis novos moradores.” (CARREGA, 2017, p.4)

O estado de São Paulo recebeu quase metade da imigração nacional em 1911, com 53.067 imigrantes (O Estado de S. Paulo, 1912, p.3). Logo, o estado era um dos grandes alvos da imigração, pois necessitava de mão de obra em todos os setores, desde as lavouras de café, como dito anteriormente, que cresciam e designavam boa parte da economia brasileira, quanto nas grandes cidades ante ao viés industrial que se formava.

O jornal *O Estado de S. Paulo* foi criado em 1875, anteriormente recebia o nome *A Província de S. Paulo* e em janeiro de 1890 passou a receber o nome que conhecemos até hoje. De acordo com a história do jornal escrita pelo historiador José Alfredo Vidigal Pontes, no site *estadao.com.br*, ele foi fundado através de Manuel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense com o objetivo de ter um viés republicano para enfrentar os alçozes da escravidão e monarquia. Vale lembrar que a lei Eusébio de Queiroz foi instituída em 1850 e a Lei áurea em 1888, logo o processo abolicionista já estava ocorrendo há muitos anos com medidas efetivas e vinculadas à pressão de países como a Inglaterra. Ademais, a necessidade de mão de obra assalariada com a industrialização das cidades crescia, então um jornal vinculado a alguém como Campos Salles⁷, presidente pelo partido republicano de São Paulo, um candidato de cunho liberal, era conveniente ser abolicionista e difundir as ideias que favorecessem esses grupos. Ainda de acordo com Pontes, o redator chefe desde 1885, Júlio Mesquita⁸, adquire o jornal e ele passa a ser controlado pela família Mesquita a partir de então.

Além disso, o jornal se dividia em 1912 em edições diárias de aproximadamente 16 páginas, seções como: Telegramas, Exterior, Estados, Imigração, O que há de novo, O café, Arte nacional, O câmbio, Tribunaes, Notas e Informações, Notícias do litoral e do interior do estado, Notícias diversas, Falecimentos, Sport, entre outras que variam conforme a edição. As questões referentes à migração são colocadas de diferentes formas e abordando diversos contextos, tanto na seção propriamente dita, com dados das chegadas, quanto dentro de outras notícias, apresentando visões sobre os imigrantes e entrelaçando com outras informações. Em algumas edições encontramos a sessão propriamente dita *Immigração* com dados referentes a quantidade de imigrantes surgindo em navios como por exemplo na edição de 30 de Julho de 1912

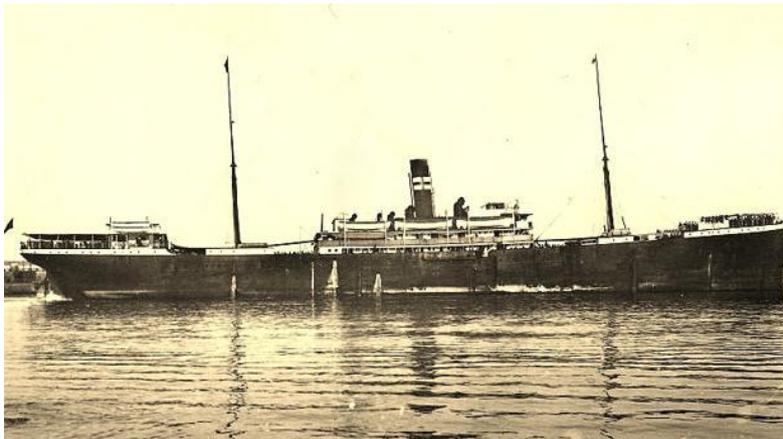
Chegaram hoje no nosso porto 02 imigrantes, sendo 47 pelo vapor inglês Aragon e 15 pelo hespanhol Barcelona. Pelo trem das 2 horas da tarde, a inspeccoria da imigração desta cidade fez embarcar para essa capital 12 imigrantes que espontaneamente se destinam à lavoura do interior do nosso Estado. São esperados amanhã pelo Arianza 183 imigrantes, pelo Voltaire 110, pelo Frisia, 25, pelo Re Vittorio 180, sendo 39 subsidiados pelo governo do Estado e os demais espontâneos. (O Estado de S.Paulo, 1912, p.4)

⁷ Campos Salles foi Presidente da República brasileira em 1898, tendo uma extensa carreira política, esteve atrelado a São Paulo sendo deputado provinciano pelo Partido Liberal de São Paulo, vereador de Campinas, membro das comissões do Partido Republicano entre outras posições políticas. Ele era advogado, formado pela Universidade do Estado de São Paulo e faleceu em Santos, no dia 28 de junho de 1913 (S.I, 2022).

⁸ Julio Mesquita era um advogado pela Universidade do Estado de São Paulo, foi o dono e um dos fundadores do jornal *O Estado de S. Paulo*. Também se envolveu com política, ocupou os cargos de deputado federal e senador.

Dois pontos se sobressaem referentes a essa notícia, a primeira com relação a quantidade de imigrantes espanhóis, que nesse dia em específico não era tão grande quando comparadas a outras nações chegando no Brasil. Vale lembrar que os outros navios são de origem desconhecida, então não se sabe se mais espanhóis estavam previstos para chegar ao Brasil em julho pelos portos de São Paulo nessa mesma notícia. Outro ponto é referente aos 39 imigrantes subsidiados pelo governo do Estado, mostrando que em 1912 ainda havia subsídio do governo e necessidade grande quantidade de mão de obra. Em contrapartida, todos os outros imigrantes relatados na segunda parte da notícia estavam vindo por livre e espontânea vontade, portanto as propagandas e imagens que estavam sendo difundidas sobre novas chances de vida no Brasil estavam funcionando em larga escala.

Mais uma notícia da seção *Imigração* referente a chegada de espanhóis no estado de São Paulo foi no dia 6 de março de 1912 “Chegaram hoje ao nosso porto 72 imigrantes, vindos 46 pelo paquete hespanhol Valbanera, 46 pelo paquete inglez Avon. Pelo trem das 2 horas da tarde a Inspectoria de Imigração fez seguir para essa capital 24 desses imigrantes que espontaneamente se destinam á lavoura do nosso Estado.” (O Estado de S. Paulo, 1912, p.3). Desta vez, observa-se um número maior de imigrantes espanhóis no Estado, se dividindo em duas origens de embarcações, tendo metade embarcado através da Inglaterra. Outro fator importante é o destino desses imigrantes, que chegavam e assim como na notícia anterior, logo eram enviados para as lavouras. O navio espanhol Valbanera é muito conhecido pelo seu transporte de imigrantes e por seu trágico acidente em 1919, tendo afundado sem deixar rastros, o conhecido Titanic espanhol. Para encontrar referências no jornal sobre o acidente, recorri a palavra chave “Valbanera” porém só encontrei referências anteriores ao naufrágio. Entretanto, ao pesquisar “naufrágio” e filtrar o ano de 1919, encontrei algumas referências ao Valbanera, que o acervo não identifica pelo nome. Foram as ocorrências dos dias 20, 24 e 25 de Setembro de 1919. Ademais, o motivo do naufrágio, de acordo com a edição de 20 de setembro de 1919, foi um ciclone no Golfo do México, sendo destruído por uma tromba d’água. Na edição do dia 24 o jornal diz que até então não encontraram cadáveres, mas no dia 25 cadáveres foram encontrados no mar.



Navio Valbanera, fotografia de 1915⁹

No dia 29 de dezembro de 1912, na página 16, traz uma matéria intitulada “*A situação financeiro-econômica do Brasil*”, levanta questionamentos sobre a imigração e demonstra as insatisfações da Itália com a quantidade de imigrantes que vieram para o Brasil.

Occupando-se da imigração, o dr Joaquim Miguel accentuou, numa synthese feliz, a orientação erronea que o grande reino europeu tem adoptado, fechando sysematicamente os seus portos à colonização paulista, enquanto a immigração ibérica engrossa paulatinamente as estatísticas da nossa população. S.exa, patenteou os irrecusáveis prejuízos de ordem econômica que essa política de concentração acarretava à Itália, pois o desenvolvimento immigratório em São Paulo não só ia alargando de modo prodigiosamente favorável ao seu commercio exportador o consumo dos productos italianos, como também collaborava nos algarismos da fortuna pública peninsular pela remessa de economias que cada italiano faz anualmente para a sua pátria (O Estado de S. Paulo, 1912, p.16)

Logo, esse trecho nos mostra que os países sentiram a defasagem com a grande quantidade de imigrantes que saíram de suas pátrias, entretanto, o autor relata como a economia mundial foi beneficiada, pelo consumo de produtos importados, já que os imigrantes sentiam falta. Além disso, é relatado que os países da península ibérica vieram em grande quantidade, frisando o grande contingente de migrantes espanhóis e portugueses para o estado de São Paulo.

Vindos de diversas procedências chegaram hoje ao nosso porto 1309 imigrantes, sendo 1268 pelo Italie, 137 pelo Francesca e 4 pelo austriaco Alice. A Inspectoria da Imigração desta cidade fez embarcar para essa capital em trem especial que daqui partiu ás 3 horas e 40 minutos da tarde, 1.035 destes imigrantes, que são subsidiados pelo governo do Estado e se destinam á lavoura do interior. (O Estado de S. Paulo, 1912, p.5)

Mediante a isso, outra notícia que trata dos imigrantes, são os dados dos que chegaram no porto na edição de 18 de janeiro de 1912. O relato é de 1309 imigrantes, reiterando a grande quantidade de migrações para o estado. A maioria esmagadora em um navio italiano, porém

⁹ De acordo com o site espanhol *ABC ciencia*, disponível em: https://www.abc.es/ciencia/abci-valbanera-titanic-espanol-arrasado-epidemia-gripe-y-hundido-ciclón-201912261932_noticia.html

como vimos anteriormente, muitos espanhóis vinham em navios diferentes de suas origens, como no caso do navio inglês Avon.

Conforme as publicações analisadas, o jornal apresenta uma opinião nas entrelinhas ante a imigração de modo geral. Em muitos trechos podemos observar a ideia positiva quando relacionada a imigrantes virem trabalhar nas lavouras e cidades, os braços fortes dos trabalhadores, principalmente quando relacionado ao imigrante italiano. Porém, ao retratar essas pessoas de forma pejorativa imprime uma subcategorização do imigrante. Ao mesmo tempo que eles podem ser úteis, não devem superar as questões nacionais, sendo motivo de chacota com relação às suas vestes e modos de falar, além dos estigmas vinculados a algumas nações, como é o caso dos espanhóis que veremos mais especificamente adiante.

Portanto, a imprensa quando se refere de forma direta a imigração, em grande parte se atém a dados que nos ajudam a formar um panorama mediante a pluralidade de migrações para o Brasil. As informações vinculadas aos espanhóis são lidas de forma sutil, nos fazendo juntar as peças do quebra cabeça para constituir a ideia da imigração, entender o contexto e de que forma essa mídia do início do século XX retratou o assunto, para que a partir disso possamos constituir o imaginário sobre o imigrante espanhol que era vendido nas páginas dos jornais *O Estado de S. Paulo*.

3. O IMAGINÁRIO DE UMA NAÇÃO

O capítulo a seguir traz questões vinculadas à formação do imaginário sobre o imigrante espanhol. Nesse viés, serão apresentadas as questões de branqueamento populacional que resultaram na vinda das políticas de incentivo de europeus para o Brasil, e as diferenças entre as nações referentes a cor de pele e o impacto social que teriam no Brasil. Dessa forma, a criação do imaginário ante ao imigrante espanhol teve contribuições assíduas referente às políticas de branqueamento nacional.

Além disso, a própria concepção de imaginário será explorada, a constituição do imaginário nacional, mostrando as questões de progresso e o efeito desse conceito nos discursos presentes quando é pensado no imigrante espanhol e na Espanha propriamente dita. A religião católica também se mostra um fator importante na concepção desse imaginário, atrelada aos conceitos de evolução e progresso que emergiram na modernidade.

3.1 O branqueamento nacional

Ao tratarmos do início do século XX, o panorama referente aos séculos XVIII e XIX é indispensável, já que colhemos os resquícios dos séculos passados. Logo, as teorias que nasceram no século XVIII e XIX se tornam de extrema importância para a compreensão do contexto teórico de 1912. As teorias raciais nascem no século XVIII com as grandes navegações e o confronto com outros povos que começaram a ser categorizados como primitivos. Primitivos e inertes a bondade e inocência, o “bom selvagem” seria aquele que não se corrompeu ante a visão de mundo de Rousseau, entretanto, posteriormente a maldade que se torna intrínseca do selvagem. (SCHWARCZ, 1993) Os nativos das terras conquistadas não teriam conhecido os adventos da modernidade, portanto, não acessaram a civilização como os europeus. Esse pensamento os subjugou como inferiores e com a necessidade de serem colonizados, os nativos só teriam acesso a uma vida civilizada com a interferência do homem branco. O ser humano bebendo dos ideais científicos buscava a ideia de progresso e evolução, portanto os conceitos darwinistas deram origem a teorias raciais vinculadas com a evolução do ser humano, o que tornava confortável as invasões de países e escravização de seres humanos, justificando esses comportamentos com base no objetivo de levar a civilização.

Primeiramente, para trabalharmos as teorias raciais é necessário entender o conceito de raça. O uso da nomenclatura nasce no latim *ratio* que determina categoria e espécie, o conceito foi ampliado pelas ciências naturais ao utilizar na botânica para classificar animais e plantas. Ainda no latim, porém no medieval, foi usado para designar parentescos e algumas características em comum (MUNANGA, 2003). Dessa forma, com o passar dos anos houve

uma crescente em relação às diversidades de pessoas devido aos contatos com uma pluralidade de civilizações. Logo, como objetivo de legitimar seu controle sobre essas pessoas, os europeus começaram a buscar formas de compreender essa humanidade distinta e subjugar esses povos. Foi então que o transporte dos conceitos biológicos ocorreu e delimitou que existem diferentes raças (MUNANGA, 2003). O branco europeu não queria considerar iguais a eles essas pessoas que viviam de formas diferentes e apresentavam características físicas distintas, além do uso desta classificação para legitimar o controle, se mostrando mais capacitados do que “os outros”.

Com o nascimento do darwinismo social e a infusão desses conceitos para analisar a sociedade, a ideia de que os animais evoluíram através da seleção natural é transportada para os seres humanos, considerando o europeu branco o último estágio de evolução do ser humano, enquanto os outros povos que eram encontrados, principalmente negros africanos e povos indígenas, eram classificados como menos evoluídos, pois seus hábitos de vida seriam semelhantes ao que esses europeus vivenciaram a muitos anos atrás. Dessa forma, a mensagem passada era que essas “outras raças” não pertencem à mesma raça que o europeu branco, eles são distintos, e evolutivamente se estagnaram no passado. “No que se refere à esfera política, o darwinismo significou uma base de sustentação teórica para práticas de cunho bastante conservador. São conhecidos os vínculos que unem esse tipo de modelo ao imperialismo europeu, que tomou a noção de ‘seleção natural’ como justificativa para a explicação do domínio ocidental, ‘mais forte e adaptado’ (HOBSBAWM, 1977 e 1987; NÉRÉ, 1975; TUCHMAN, 1990, apud SCHWARCZ, 1993, p.44). Assim, o darwinismo social e os conceitos atrelados a ele invadiram os ramos sociais, utilizando esses termos para justificar as relações de domínio e superioridade racial.

Duas grandes vertentes aglutinavam os diferentes autores que na época enfrentaram o desafio de pensar a origem do homem. De um lado, a visão monogenista, dominante até meados do século XIX, congregou a maior parte dos pensadores que, conformes às escrituras bíblicas, acreditavam que a humanidade era una. [...]. A partir de meados do século XIX a hipótese poligenista transformava-se em uma alternativa plausível, [...] Partiam esses autores da crença na existência de vários centros de criação, que corresponderiam, por sua vez, às diferenças raciais observadas. A versão poligenista permitiria, por outro lado, o fortalecimento de uma interpretação biológica na análise dos comportamentos humanos, que passam a ser crescentemente encarados como resultado imediato de leis biológicas e naturais. (SCHWARCZ, 1993, p.38)

No século XIX e início do século XX, essas teorias vão tomando um paradigma diferente, operando de maneira mais profunda e na inabilidade do ser. Dentro das teorias raciais, no século XIX cresce uma vertente vinculada a criminalidade que ganha força e uma tentativa de embasamento científico, procurando determinar que raças teriam mais chances de

cometer crimes. Utilizando a medição de seus crânios, classifica a criminalidade como algo correlato ao físico e passado de forma hereditária aos pares (SCHWARCZ, 1993). Assim, as pessoas que se encontram dentro do que esses antropólogos criminais estipularam, eram classificadas como potencialmente criminosos por nascença.

Quando as iniciativas de trazer imigrantes para o Brasil começaram, adjunto ao término da escravidão em 1888, foi a oportunidade de começar uma eugeniação¹⁰ nacional, atrelada a um branqueamento populacional gradativo. Isso era interessante naquele cenário, pois eles iriam substituir a mão de obra, ante a demanda das lavouras e cidades, e iriam trazer o branco para o Brasil, transformando essa sociedade em algo mais evoluído e perto do ideal de progresso constituído na época.

[...] Os índios são mais prolíficos do que os brancos, posto que sua negligência, no que concerne á obscuridade dos preceitos de higiene, muito contribui para se verificar entre eles um elevado coeficiente em mortalidade [...] Se eles ou os mestiços estão aumentando, só o podem estar em proporção muito lenta. Os brancos puros estão certamente aumentando na Argentina, Uruguai e Sul do Brasil, e assim, a proporção do sangue branco vai num crescendo em comparação, com o índio ou preto. Tudo indica que o processo de cruzamento de raças continuará. E a regra geral em toda a parte do mundo, excepto onde a religião ou um forte antagonismo de raças, como existe nos Estados Unidos, impede essa continuação. Nenhum desses obstáculos existe na América do Sul [...] o processo é tão vagaroso, que se passarão séculos antes que os elementos brancos e aborígenes se tenham fusionado tão completamente a ponto de virem a formar um só tipo. O elemento branco parece predominar habitualmente como um facto fisiológico. Pode ser assim e também pode não ser. [...] o mestiço considera-se como branco, deseja ser um branco, faz o possível para pensar e viver como um branco e é praticamente reconhecido por quase todos como um branco. Isto não se dá igualmente com o negro, salvo no Brasil, onde ele, desde que esteja habilitado pela sua fortuna e educação a assumir uma posição social, pensa e age como um homem branco e como tal é por todos tratado. (*O Estado de S. Paulo*, p.4, 1912)

Neste trecho do jornal podemos observar as questões de branqueamento explícitas com o cruzamento das raças, o que ocasiona no pensamento nacional ante a infusão desses imigrantes brancos no Brasil. A ideia era transformar gradualmente os habitantes brasileiros em brancos, com a morte frequente e rápida, respaldada pelos hábitos de higiene de comunidades indígenas, o que geraria uma mortalidade mais frequente nessas pessoas e uma infusão maior de pessoas brancas. Outro fator relevante dessa fonte é referente a como as pessoas negras e os mestiços são enxergados dentro deste fator. O mestiço tem uma mistura do sangue branco, e mesmo a mestiçagem não sendo considerado algo positivo dentro da hierarquização das raças, traria uma

¹⁰ Eugenia é um conjunto de ideias e práticas relativas a um ‘melhoramento da raça humana’ ou, como foi definida por um de seus seguidores, ao ‘aprimoramento da raça humana pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade’ (GALTON, 1869 apud MACIEL, 1999)

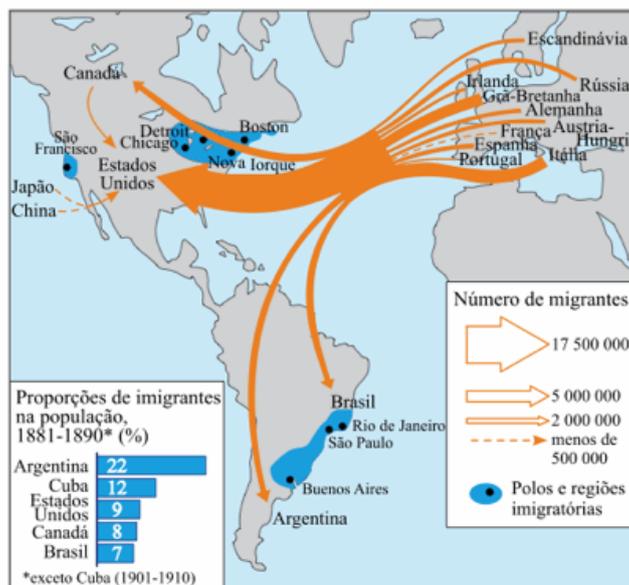
imagem branca para o Brasil industrializado em formação. As pessoas negras eram vistas como inferiores ao ponto de que caso elas tivessem riqueza e educação, seriam tratados como seres humanos, entrando no espectro da humanidade relacionada com a cor da pele, cujo tratamento de ser humano só viria através de características relacionadas com os aspectos da sociedade branca.

Outro fator predominante era a relação do trabalho conforme a nação pertencente, quanto mais ao norte mais branco e conseqüentemente mais trabalhador e inteligente era classificado o imigrante, “aos muitos testes comparativos sobre a inteligência de indivíduos entre vários tipos europeus e entre europeus e negros. Os europeus do norte testados em nosso país apresentaram-se em conjunto decididamente superiores aos europeus do sul; e os europeus como um todo em relação aos negros” (BOAS, 2005). Nesse trecho de publicação original de 1931, Franz Boas traz questionamentos ante essa situação, discordando da validade desses testes. Entretanto, isso nos faz compreender quanto essas afirmações se perpetuaram ao longo dos anos, principalmente na Alemanha, país referido acima.

Petrônio Domingues (2003, p.28) relata as questões referentes às políticas migratórias correlatas ao branqueamento nacional “A política de imigração e ocupação das colônias agrícolas implementada no Brasil na segunda metade do século XIX buscava, também, atender a objetivos de natureza ideológica: a depuração da raça. Os planos de construção de núcleos coloniais para povoar o Brasil rechaçaram o homem negro, liberto ou escravo.” Dessa forma, o incentivo da imigração para o Brasil teve como fundamento o branqueamento nacional, visando uma substituição gradual da população negra e mestiça por pessoas brancas. Os alemães eram os principais imigrantes que o Brasil gostaria de receber, devido a sua pureza racial, com os planos de os adaptando ao sul e enviando os negros e mestiços ao norte (DOMINGUES, 2003). Reiterando esse fator de preferência para com os países ao norte europeu.

No jornal *O Estado de S. Paulo*, em 20 de setembro de 1912 há uma comparação entre o colono espanhol e o italiano, “O colono espanhol é inferior ao colono italiano, porque não é tão constante, não é disciplinado e é muito mais arrogante e aventureiro. Mas é latino, e por isso convém-nos. Se tem qualidades de trabalho inferiores às do italiano, tem qualidades de espírito e de carácter superiores.” (O Estado de S. Paulo, 1912, p.10). Essa rivalidade é visível em diversos trechos do jornal, subjungando o trabalho do imigrante espanhol como algo inferior aos colonos italianos. A arrogância e a aventura são atributos relacionados apenas ao espanhol, como algo intrínseco aos migrantes espanhóis.

A GRANDE MIGRAÇÃO TRANSATLÂNTICA,
FINAL DO SÉC. XIX E INÍCIO DO SÉC. XX



Marie-Françoise Durand et al. Atlas da mundialização: compreender o espaço mundial contemporâneo, 2009.

Adaptado.

Ademais, o fluxo migratório intenso é visível para os países americanos, sendo no sul o Brasil e Argentina apontados. Com uma taxa de cerca de 2 milhões de imigrantes entre o final do século XIX e início do século XX, com destino ao Brasil apresenta um fluxo principalmente para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciando a escolha desses imigrantes para o estado paulista. Os principais países dentro desse panorama, se encontram como Espanha, Itália e Portugal.

Consoante a isso, as questões de miscigenação também influem no estigma entre esses dois países. Tanto a Espanha, quanto Portugal tem um histórico de miscigenação em seu território devido à convivência com outros povos, pois a sua posição geográfica facilitava as invasões do Oriente Médio. Nesse viés, o mestiço seria a degeneração do ser humano, pois ele herdaria o pior de cada raça e contribuiria para o desaparecimento das raças puras (SCHWARCZ, 1993), pois “cada raça teria potenciais distintos e inalteráveis, estando os brancos caucasianos no topo da pirâmide social e evolutiva, e os negros na base. [...] os mestiços estariam mais propensos à criminalidade, à loucura e a outros estigmas próprios do seu grupo racial” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 450). No Brasil o termo mestiço se expande às diferentes misturas de cores e designações como mameluco, mulatos, crioulos e caboclos, o que gerava um estigma negativo por terem cores diferentes da cor branca. Esse fator ocasionava tanto no preconceito racial, por não ser branco, quanto pela marca das relações extraconjugais e não oficiais, recebendo a ideia de ambiciosos, trapaceiros e cheios de

malandragem. Os mestiços livres, principalmente os mais claros, exerciam funções domésticas e mais brandas do que os negros trazidos de África (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Logo, tudo que remetia a mestiçagem recebia um conceito intrínseco de malandragem, ambição, criminalidade e assim por diante, tendo a moralidade colocada em jogo mesmo quando mais claros, pois continham o pior das duas “raças”. A criação da perfectibilidade do branco também assola esses ideais, sendo a raça pura ideal dentro desses preceitos, o que contribui em um distanciamento a todos os que não se enquadram dentro dele. Com a ideia de degeneração vinculada às miscigenações, podemos colocar a Península Ibérica com um status de pureza racial inferior a outros países mais ao norte, gerando esses estigmas racistas correspondentes as teorias raciais do século XIX e XX.

Ademais, a citação do jornal *O Estado de S. Paulo* de 20 de setembro de 1912, também retrata a qualidade de espírito e caráter desse imigrante, sendo considerado superior ao Italiano nesse aspecto. Uma qualidade que é ressaltada em alguns pontos sobre o imigrante espanhol, que pode ser considerada uma via de mão dupla, é a qualidade de espírito atrelada a aventura. Essa ideia do espanhol aventureiro é adjunta às questões raciais, pois ele não é sério no trabalho, é uma boa pessoa, mas ao mesmo tempo não é confiável, nem disciplinado e é chamado inclusive de arrogante, então que qualidades de espírito são essas? Talvez atreladas à disposição, alegria ou algo relacionado a isso, mas se torna uma contraposição na fala do autor, pois alguém de caráter não se enquadra em uma visão despreziosa do trabalho, arrogância no portar e que abre mão do seu dever ao imigrar. Portanto, o estigma do imigrante espanhol, mesmo quando elogiado, se mostrava contraditório.

3.2 O imaginário sobre o imigrante espanhol

O imigrante espanhol é retratado de maneira pejorativa no jornal *O Estado de S. Paulo*, contribuindo para a criação de um imaginário específico sobre o imigrante espanhol. Dessa forma, o conceito de imaginário nos mostra que a criação do imaginário referente ao espanhol era real para essas pessoas. A visão de Benedict Anderson (1983), entra como uma referência para a compreensão do imaginário nacional, e consequentemente, da pessoa que pertence a essa nacionalidade, pois reflete no meio social o imaginário que é real.

Uma comunidade política imaginada- e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. (ANDERSON, 1983, p.32)

Dessa maneira, as comunidades imaginadas criam um senso de pertencimento comunitário. Quando tratamos sobre nações, elas adentram essas comunidades que são imaginadas de forma conjunta, criando algo real a partir disso. "Ela é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal." (ANDERSON, 1983, p.34). Logo, o senso de unidade presente nessa criação os move em conjunto para um mesmo propósito quando necessário. Da mesma forma, contribui para a criação de estigmas pois, quando pensamos em uma nação a ideia de união surge e a generalização ocorre. Ao pensarmos no início do século XX, cujos debates relacionados à pluralidade eram atrelados a coisas negativas e racistas, generalizar se torna parte dos discursos implementados na época, criando presunções gerais ante a todas as pessoas pertencentes a um local ou comunidade.

Devido a quantidade de imigrantes espanhóis no Brasil, a importância da compreensão do imaginário formado ante aos imigrantes e conseqüentemente seus descendentes, implica diretamente na constituição de inúmeros brasileiros e suas realidades sociais. As políticas de branqueamento estão interligadas às teorias raciais que ganharam força no século XIX e conseqüentemente, na vinda dos imigrantes espanhóis. A teleologia secularizada cujo homem branco é o agente em direção ao desenvolvimento regia essas teorias. Assim, os conceitos de progresso e atraso de Koselleck (2006) respaldam e nos ajudam a compreender como funciona esse processo de desenvolvimento ante a visão de branqueamento populacional, sendo guiado para uma ideia de progresso pelo indivíduo branco, o detentor da "civilidade".

O tempo como conhecemos no panorama ocidental, linear e progressista infere diretamente na visão cristã expandida durante séculos no continente europeu e americano. Com uma teleologia apocalíptica, a ideia era veiculada a evolução até alcançar a total destruição do mundo, um caminho que o ser humano está destinado a encontrar. Porém, a secularização do tempo ocidental traz uma nova perspectiva durante a modernidade, fazendo com que o progresso seja o caminho para alcançar uma evolução que não tem mais o fim apocalíptico. A secularização da perfectibilidade do tempo cristão ocorre e se mantém na linearidade progressista, e agora há um reconhecimento da humanidade dos não brancos, porém a continuidade dessa linha temporal gerou uma hierarquização em busca da evolução. (KOSELLECK, 2006). Assim, quanto mais à frente um sujeito se encontra, mais evoluído ele é, criando uma hierarquização temporal e racial, onde o sujeito branco é o mais evoluído possível. Logo, essa perspectiva moderna de progresso se alastrou, porém quem moveria essa linha temporal? O homem branco e europeu era quem levaria esse progresso por todo o mundo,

deixando para trás as “barbáries” dos locais que não estavam em concomitância com esse conceito. Portanto, a ideia do imigrante branco europeu que vem ao Brasil se relaciona com esse conceito advindo da modernidade, o progresso e a necessidade do branqueamento para alcançá-lo.

Por conseguinte, esse sujeito branco seria um imigrante específico, um ideal germânico de migração como ocorreu no Sul do país, e o caso do imigrante espanhol não era o sujeito perfeito e previsto em tese para levar a esse progresso. Dessa forma, a própria relação do jornal *O Estado de S. Paulo* para com esse imigrante era muitas vezes ríspida e um estigma ante aos imigrantes foi se formando. O jornal era um veículo que levava as informações e publicava aquilo que era fruto em sociedade, se olharmos dessa forma ele nos mostra um retrato desses imigrantes ante a uma parcela social.

Pode-se ressaltar que ao tratar de qualquer pessoa o jornal relata sua etnia ou cor da pele, por exemplo, se o sujeito é espanhol, italiano, português ou negro, ajudando a criar aspectos pejorativos ante as pessoas conforme seu país ou cor da pele. Dessa forma, as nações não eram marcadas pela cor de sua pele, diferentemente das pessoas negras, tendo o estigma da cor vinculado a elas independentemente de onde viessem. Podemos perceber que o jornal frisa as nacionalidades, porém o sujeito negro não é declarado simplesmente como brasileiro, implicando em um fator racial diante das suas ações. Assim, essas pessoas são caracterizadas tanto como diferentes dos outros brasileiros em um espectro racista, quanto diferenciando as notícias vinculadas a esses corpos, gerando comentários destinados à sua cor de pele. Uma forma de perpetuar a estrutura do racismo na sociedade, pois gera os preconceitos dos fatos pela cor. Ademais, essa diferenciação também os exime dos imaginários de nacionalidade comum a todos os brasileiros, tirando as pessoas negras do imaginário nacional de pertencimento levantado por Benedict Anderson.

No viés da libertação da escravatura, a possibilidade de nivelar as classes sociais após a Lei Áurea atrelado a dramatização ante as fazendas abandonadas, sem mão de obra, criou um ambiente inóspito para os libertos. Ademais, o objetivo do governo era criar um projeto de lei para educar esses libertos e fazer com que eles se comportassem de forma civilizada, pelo bem nacional, pois não saberiam respeitar as propriedades privadas e se comportar em sociedade. Portanto, era necessário trazer a visão moralista e de regeneração do trabalho para essas pessoas, pois quanto mais pobre e vadio a pessoa fosse, maior sua potencialidade ao crime (CHALHOUB, 2012). Essa visão racista se instaurou no fim do século XIX e se perpetuou no início do século XX, e os imigrantes que chegavam ao país deveriam ser extremamente

laboriosos, se adaptando ao trabalho árduo das lavouras, verdadeiros exemplos dentro desses moldes, então caso o imigrante fosse desleixado com o trabalho, era visto com repulsa (CHALHOUB, 2012). Mediante a isso, o contexto nacional se via também ante as medidas higienistas, com Oswaldo Cruz sendo responsável pela revolução da salubridade do país, São Paulo também foi alvo da industrialização. A metrópole do café precisava de uma cara condizente, pois o Sudeste brasileiro se tornava o centro da industrialização nacional (SCHWARCZ; STARLING, 2015). Portanto, as mudanças no Brasil ocorriam a todo fulgor com um grande contingente de imigrantes e libertos nas cidades e lavouras.

Ao pesquisar as palavras chaves *Hespanhol* e *Hespanhois*, analisar as colunas e a insurgência dos termos, podemos encontrar o imaginário vinculado ao imigrante nos detalhes, um exemplo é a quantidade de ocorrências de prisões de espanhóis que aparecem no jornal. Sidney Chalhoub (2012), fala sobre o sensacionalismo implementado nos jornais para que houvesse um maior número de vendas. Dessa maneira, os jornais faziam questão de dar ênfase nos detalhes e inventar o que fosse necessário para dar vida aos casos, dando aspectos levianos as pessoas quando convinha. Assim, ao relatar as nacionalidades e incluir casos de desafetos nas notícias, os jornais visavam trazer o sensacionalismo atraente aos leitores para as páginas. No ano de 1912 houve grande incidência de espanhóis sendo relacionados com as colunas criminais, e em 18 de fevereiro há uma ocorrência de prisão de um espanhol cujo nome é Jesus Perez, sua prisão ocorreu por fingir ser um agente policial, “O subdelegado de polícia Francisco Teixeira da Silva designou o agente Santos Pinto para efetuar a prisão do hespanhol Jesus Peres, que falsamente se tem intitulado agente policial da Vila Maouco, para cometer ali várias explorações” (*O Estado de S. Paulo, 1912, p.6*). Outra ocorrência é referente a oito de março de 1912, onde três ingleses foram assaltados em uma pensão por um espanhol que trabalhava no local, ele levou roupas e joias e iria fugir em um transatlântico. Em 17 de março, dois espanhóis foram presos acusados de serem gatunos. Ao trazer essa descrição vinculada ao país de origem, os leitores criam uma perspectiva de que aquelas pessoas, que compartilham da mesma nacionalidade, carregam esses traços de furtividade.

Consoante a isso, podemos relembrar as questões de mestiçagens e a pureza racial dos espanhóis, pois eles eram vistos, dentre os imigrantes, nos parâmetros de mestiços, que como vimos eram vistos na condição de propensão ao crime, loucura e ambição. A agressividade também é vista em algumas situações vinculadas aos imigrantes espanhóis, em 25 de abril há um relato de agressão mútua entre um espanhol e um brasileiro por serem antigos desafetos.

Como podemos ver abaixo, quem começou a discussão foi o brasileiro que não tem sua nacionalidade evidenciada.

O hespanhol João Galvez, de 28 annos de idade, solteiro, passava hontem as 8 e meia da noite pelo largo do Braz, quando foi abordado pelo seu antigo desaffectedo Domingos Seveira, [...] que lhe pediu explicações de certos factos de character intimo. Factos que, segundo se dizia, só haviam passado entre ambos. João e Domingos travaram logo violenta discussão que terminou por uma aggressão mútua a berros e bofetadas. (*O Estado de S. Paulo, 1912, p.6*)

Outro caso relatado é o do rapto de uma menina com 17 anos de idade na cidade de Jundiá, trazendo o aspecto de desonestidade, violência e trapaça para a imagem do imigrante.

Pedro Jeronimo deu queixa à policia de que Miguel Gil, espanhol, com vinte e dois annos de idade, raptou da fazenda Santa Maria, neste município, a menor Emília Jeronimo, de 17 annos de idade, filha do queixoso, sendo ignorado o paradeiro da raptada. (*O Estado de S. Paulo, 1912, p. 2*)

O caso de rapto pode ter muitas questões envolvidas, relacionadas a casamento por exemplo. Tanto o rapaz quanto a moça têm idades muito próximas, 22 e 17 anos, e uma hipótese seria a fuga para o casamento, visto que eles tinham uma idade propícia para se casarem na época, então os pais poderiam interpretar como rapto, ou simplesmente divulgar dessa forma. Mas existe a possibilidade de ser realmente um criminoso, entretanto, agora um criminoso espanhol. Como podemos salientar, o imigrante era veiculado à sua origem, enquanto os brasileiros envolvidos não eram citados necessariamente como brasileiros. Logo, o estigma pairava apenas sobre os imigrantes que se envolviam em alguma situação errônea.

Pensando no conceito de Benedict Anderson sobre as comunidades imaginadas, a ideia de pertencimento e criação de um imaginário nacional mesmo sem conhecer aquelas pessoas, pode ser executada igualmente nessa perspectiva. Se a partir do pertencimento a um local criamos um imaginário identitário, ao designar características para uma nação ocorre o incentivo a exercer mais dessa criação, tornando real um novo imaginário. No caso do imigrante espanhol, esse imaginário adentra a periculosidade, aventura e falta de vontade de trabalhar, prejudicando as sociabilidades dessas pessoas.

Em 14 de setembro de 1912, o jornal traz um artigo intitulado “As democracias Latinas na América” dentro da seção *Cousas Estrangeiras*. Assim, o artigo traz adjetivos a alma espanhola, apontando o que seria intrínseco a eles.

O temperamento espanhol é notivo, afirmando-se exteriormente em conflitos e manifestando-se em comédias e em tragédias. O génio peninsular é dramático: a aventura, o movimento, o choque das paixões desenvolvem-se num teatro abundante que exprime todos os aspectos do individualismo exacerbado. Não se luta apenas pela independência, mas também pelo prestígio do nome, para conservar perante a opinião e integridade da honra. Ciumenta e vingativa, esta preocupação de honra, profundamente espanhola, inspira numerosas tragédias.[...] obstinação e preguiça, lentidão e violência,

parasitismo e aventura, tétrica gravidade, secular presteza como nos quadros de Zurbarán e de Ribera, e também frivolidade, danças harmoniosas, festas e vertigem ao calor do sol; fé na vontade e aceitação do destino, ardor de místicos e de conquistadores cinismo de mendigos e de meliantes, desinteresse heroico e cobiça apaixonada, eis algumas das irreduzíveis contradições da alma espanhola, as quais explicam a longa inquietação a intensidade do drama interior. (O Estado de S. Paulo, 1912, p. 14)

Neste pequeno texto podemos elencar diversos pontos importantes ante as questões dos estigmas dos espanhóis. Primeiramente, as tragédias representadas pelos artistas espanhóis são relatadas como características dessas pessoas, os classificando como dramáticos, aventureiros, ciumentos e vingativos, fatores negativos de personalidade que impõe sobre toda uma nação. Essas características se complementam com a obstinação, preguiça, lentidão, violência, parasitismo e frivolidade, tudo isso atrelado a alma espanhola. Com esses adjetivos, não estão somente julgando e criticando os imigrantes, o jornal está expondo algo que diz ser intrínseco a essas pessoas, pois a alma pertence a alguém de forma imutável. Ademais, quando o texto relata sobre fé na vontade, aceitação do destino e desinteresse heroico, atrelado com a aventura citada anteriormente, categoriza um viés de imigrantes que não lutam por condições de vida melhor, não são confiáveis e interessados nos trabalhos. Além disso, o texto explicita o estigma da violência, reiterando o argumento anterior baseado nas notícias cujos imigrantes espanhóis apareciam em situações de violência e confusão.

O povo espanhol é ignorante e atrasado. Vive de um passado glorioso, mas sem presente, e, forçosamente sem futuro por longos anos ainda. [...], Mas, o espanhol, mesmo pobre, mesmo cego, mesmo maltrapilho, é basófilo e roncador de valentia e de nobrezas. A alma nacional do herói de Cervantes. Daí resulta que a Espanha retrógrada porque é fanática e analfabeta. E os padres espanhóis, que ainda tem larga e funesta influência, vão explorando o povo, pervertendo os costumes, e obstando, naquele lindo país, a entrada do progresso. (O Estado de S. Paulo, 1912, p.10)

A citação acima pertence ao jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 20 de setembro de 1912, e a primeira frase já faz alegações quanto a ignorância e atraso do povo enquanto nação, categorizando ligeiramente as pessoas pertencentes aquela nacionalidade. Esse atraso é atrelado a ideia de progresso e alcance dessa evolução através do tempo, qualificando esse povo como preso aos dias de conquista e sem presente. Michel Trouillot (2016) classifica o passado como um local referente ao presente, sendo o passado sem conteúdo por ele próprio. Somente a partir de um referencial no tempo presente que interpretamos e visualizamos o que seria o passado, portanto, a presunção de uma nação sem presente é inconcebível. A concepção moderna pode nos dar uma interpretação para a criação dessa opinião, que está atrelada à urgência de novidades do século XX, definindo que quanto mais distante do anseio de novidades industriais, mais aquele país estaria preso ao passado e longe do futuro. No caso dos

espanhóis, o autor implica como tão longe do futuro que se encontra sem presente. Dessa forma, o jornal complementa a opinião com os adjetivos a nação como fanática e analfabeta, relacionando com a religião católica, religião predominante do país no século XX. Afirmado que esse fator não permitia a entrada do progresso no país, isso determina que tanto os padres quanto os praticantes “fanáticos e analfabetos” se tornavam ignorantes por terem suas crenças cristãs, o que impactava diretamente na visão preconceituosa ante aos imigrantes no Brasil, longe da racionalidade e perto do sentimento e ilusão religiosa

3.3 A religião e os reflexos morais

A religião católica é retratada de maneira forte e relacionada aos espanhóis e a visão construída sobre eles em dois momentos no ano de 1912. Um de exaltação do que a Espanha foi devido à fé católica, e outra sobre os países com influência católica e como a incisão da fé impactou em sua formação. No século XIX e início do século XX, pairava sob as concepções sociológicas da Europa o estigma de que as religiões impediam a concretização da democracia, portanto era necessária sua exclusão da esfera pública, por serem contra concepções modernas. Entretanto, na esfera pública brasileira, o catolicismo era visto com a religião dos bons costumes em antítese a religiões como espiritismo e as religiões Afro-brasileiras (MARIANO, 2011). Se pensarmos no contexto da eugenia nacional que ocorria no início do século XX, o racismo influenciava diretamente na visão sobre as religiões Afro, categorizando essas pessoas como ruins somente pelo que acreditavam por ser algo advindo de suas crenças africanas. Logo, o catolicismo era visto no meio acadêmico e internacional como algo que atrasa os adventos modernos e pela sociedade como algo de valor. Assim, podemos pensar que os redatores tinham esse acesso às discussões acadêmicas, tanto que o discurso de atraso está presente, mas também é lembrado com uma ideia de bons costumes.

A crônica “Bucolismo e religião”, presente na edição do dia 10 de maio, retrata um homem que se refugia em um local afastado da cidade e recebe a visita de um amigo durante a semana santa. Portanto, ele demonstra tanto a exaltação do campo, da beleza bucólica quanto a parte religiosa atrelada ao catolicismo e à península ibérica. Ademais, o diálogo entre os personagens se estabelece quando o autor começa a elogiar as benfeitorias que o catolicismo trouxe aos países ibéricos, e em contrapartida, o amigo discorda veemente sobre o tema, levantando as questões da violência empregada contra outros povos nas cruzadas e as maneiras com as quais a igreja católica resolvia os conflitos.

Pode-se fazer um paralelo com o próprio título, onde o bucolismo remonta às escolas arcadistas, o anseio das poesias pelo campo e a distância das grandes cidades no século XVIII.

O contexto de 1912 apresenta justamente esse momento de industrialização do Brasil, que foi gerado a partir dos fazendeiros do café que foram adentrando o mercado capitalista que nascia na cidade de São Paulo através das indústrias de tecelagem, vidraçarias e assim por diante (MAMIGONIAN, 2017). Como dito anteriormente, os imigrantes também contribuíram, mas majoritariamente, as elites cafeicultoras paulistas desempenharam papel relevante nesse novo mundo capitalista que adentrou o Brasil. A indústria da imprensa também tomou novos rumos, com a inserção de novas tecnologias e formas de apresentar os conteúdos, ante a malha ferroviária que contribuiu grandemente para a diversificação de notícias e produtos, pois era uma forma mais rápida e prática de alcançar as pessoas pelo país (LUCA, 2013). Portanto, essa necessidade de relembrar a vida simples do campo, sem tantas urgências, e as belezas naturais, fazem uma relação direta com a religião católica muito forte em um momento sem industrialização do Brasil. Portanto, o texto já começa com um saudosismo no seu título e isso decorre por todo o diálogo estabelecido, estabelecendo mais uma vez a Espanha como parte de um passado de glória, o tradicional que funcionava, mas funcionava longe das indústrias.

Assim, a Espanha é citada como aquela que espalha a luz da religião católica para a Europa, dizendo que a religião qual for não inferioriza os povos e sim dá fé para que eles exerçam e alcancem qualquer coisa, sendo a religião o código moral das civilizações. Nesse viés, a Espanha é retratada como superior nos seus anos dourados, um país com muito vigor, pois detém uma religião que trouxe moralidade e glória no passado.

Depois dos gregos, só dois povos tiveram na Europa uma história épica: -O italiano e o hespanhol. A Hespanha foi antigamente e ainda hoje o é, bem superior.

-Mesmo cristalizado no seu misticismo secular, mesmo agarrada ao seu dogma, de que não quer libertar-se e que lhe foi imposto pelos jesuítas, como sendo a revelação da ordem universal no espírito dos homens e a existência de uma equidade absoluta expressa por meio de actos e de virtudes humanas?

-Mesmo assim! Esse dogma foi ainda para o hespanhol um elemento de grandeza! (*O Estado de S. Paulo, 1912, p.3*)

Nesta parte do diálogo, ao mesmo tempo que a exaltação do homem ocorre ante a Espanha, ele concorda com o que o amigo diz. Assim, é reiterado que o imigrante espanhol é religioso, ao mesmo tempo que tem um misticismo secular consigo, o que o torna no mínimo contraditório, que está preso aos dogmas jesuíticos e católicos em sua cosmologia, mesmo que seja algo referente ao passado, não o torna ruim. Criando um aspecto de que a Espanha é um exemplo, mas está presa nas ideias do passado. Contribuindo para o estigma do imigrante atrasado, que tem um glorioso passado, mas não tem presente.

Complementando este diálogo publicado em maio, na edição de 19 de novembro há um artigo intitulado *Pequena influência da religião*, cujo objetivo é analisar os países católicos e aqueles que eram divorciados de qualquer religião e a influência de todas essas ocorrências nos países sul-americanos. Dessa forma, nos países distantes da fé católica como majoritária, as mulheres e camponeses são retratados como fiéis cristãos e os homens de elevada posição social se mostram indiferentes ao assunto deixando a religião para “as mulheres e os rústicos” (*O Estado de S. Paulo*, 1912, p.4), assumindo que assuntos religiosos nesses países estariam conectados à pobreza e ao sentimento, catalogando como algo que não dizia respeito ao alto escalão social masculino.

O renascimento ou a reação católica da primera metade do décimo nono século não atingiu a América do Sul, que ainda está sob a influência da corrente anti-católica do Século dezoito. A igreja romana na Espanha e em Portugal estava então, e, na verdade, ainda está hoje, muito abaixo do nível, em que nos aparece na França, Alemanha e Itália. Sua fé era mais formalística, sua pressão sobre os seculares mais pesada, seu clero menos exemplar em seu modo de viver. (*O Estado S.Paulo*, 1912, p.4)

Assim, o autor fala de um renascimento católico presente no século XIX e se refere a igreja romana espanhola e portuguesa como muito abaixo do nível dos países como a França, Alemanha e Itália. Além disso, o autor cita a influência que o catolicismo teve nos países sul-americanos a partir da península ibérica. Ademais, a ideia principal vinculada a religião católica ainda se intitula como aquilo que é emocional, longe do racional, e dentre os países com praticantes o que tem um nível mais baixo entre aqueles que adotaram a mesma fé é a de espanhóis e portugueses, países que tinham um jugo maior da fé católica do que os outros e isso desmoralizou a igreja após liberarem a submissão da população e desvinculou a ideia moral que anteriormente ela trazia.

Nesse viés, a ocorrência dos dois textos leva a crer que o espanhol teve um passado de glória, um país bem estruturado que conquistou diversos territórios e era movido pela sua fé para ter força, mas tudo isso ficou no passado, junto com uma igreja e religiosidade forte. Assim, as leituras expõem que os países com uma religião forte no passado colhem os reflexos disso na realidade de 1912, ou seja, a imoralidade do povo e a hipocrisia, já que relatam os espanhóis como fanáticos religiosos. Já nos países que são divorciados da religião e sem tanta influência dela no passado, mantiveram a igreja católica como tradição, tendo a falta de jugo e submissão, o que resultou em uma moralidade maior e intrínseca a sociedade, deixando a religiosidade para longe da racionalidade, campo de mulheres e pessoas mais pobres. Dessa maneira, essas especulações contribuem para a criação de uma visão imoral e emocional do imigrante espanhol, pois ele é fruto e parte deste país.

Logo, o contexto brasileiro ante ao catolicismo trazia como algo positivo essa visão espanhola católica, entretanto, não era visto como erudito. ademais, o jornal joga esse catolicismo com a hipocrisia, criando um imaginário negativo ante ao imigrante. Assim, a questão religiosa se adjunta ao montante de estigmas do imigrante, criando uma imagem ao todo negativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa através do jornal *O Estado de S.Paulo* gerou questionamentos que introduziram a pesquisa. Para entender como foi formado o estigma exposto no jornal, primeiramente foi necessário compreender o processo de imigração do final do século XIX e início do século XX que trouxe uma grande onda de migrantes para o Brasil. Ademais, esses migrantes estavam diretamente ligados com o contexto das teorias raciais que se instauraram no século XIX, respaldados por políticas nacionais. Os aspectos de identidade sobre o imigrante estão interligados com a ideia da mestiçagem que era atrelada a Península Ibérica, e consequentemente criou estigmas ante a esses imigrantes. As políticas de branqueamento, fator importante para os imigrantes virem para o Brasil, ao mesmo tempo que os qualifica como parte desse movimento, sendo instrumentos das teorias raciais por serem europeus brancos, também não os classifica como o imigrante ideal para o trabalho. Devido ao histórico de mestiçagem desses imigrantes, era considerado que eles perderam muitas das suas qualidades raciais, se tornando degenerados.

Outro fator relevante foi a chegada desses imigrantes e os trabalhos que eles exerciam. Partindo dos dados do jornal, a pesquisa se desenvolveu para a compreensão dos trabalhos exercidos pelos imigrantes. A priori, o imigrante seria enviado para as fazendas de café, porém houve uma parcela de êxodo rural das fazendas, além de diversos imigrantes que vinham por conta própria, o que gerou um fluxo significativo de trabalhadores nas cidades. Logo, esses trabalhadores urbanos se encontram nos mais diversos tipos de trabalhos e muitos deles perigosos, tópico que surgiu na pesquisa através de seções dos jornais onde espanhóis aparecem vítimas de acidentes de trabalho. Essa condição e local de trabalho dos imigrantes os submetia a trabalhos perigosos para sua sobrevivência. Há constatações de mortes e acidentes graves através de dados do *Boletim do Departamento estadual do trabalho* referentes a ofícios que os imigrantes espanhóis realizaram em São Paulo.

As questões vinculadas à religião também são um fator relevante que contribuem na criação do imaginário sobre o imigrante espanhol. Esses diversos colonos que se instauraram em um país recentemente laico no início do século XX, encontraram uma infusão de valores e religiosidades, e a própria maneira com a qual os espanhóis se relacionaram com o catolicismo e o passado de seu país, influenciava na visão que o jornal queria passar sobre essas pessoas.

Logo, o princípio de moralidade quando pensado ao lado dos estigmas da mestiçagem e de uma religião que simbolizava o passado dentro do conceito de progresso e atraso, estabelece um povo sem presente, imoral e hipócrita.

Decerto que este trabalho apresenta grande relevância para a compreensão tanto da sociedade do século XX, quanto dos discursos do jornal. A partir da pesquisa, pode-se compreender o quão imerso a redação do jornal estava no andar das teorias raciais, reiterando tudo que era difundido nos detalhes mais sublimes de relatos dos textos. A sociedade se alimentava desse periódico, portanto sabemos que o estigma circulava socialmente, pois se você lê e consome algo diariamente, essas ideias vão adentrando seu pensamento. Assim, de forma implícita e explícita, a descendência espanhola se constituiu dentro desses aspectos. Ao ler o jornal medindo o contexto da lei de terras, do darwinismo social e branqueamento nacional, a compreensão do porquê os relatos tão hostis e a pontualidade das nacionalidades nas notícias ocorrem, criando uma visão sobre as escritas do jornal.

Por conseguinte, a construção do imaginário sobre o imigrante espanhol no jornal *O Estado de S. Paulo* decorre de todos esses fatos contextuais e tanto do Brasil pós-abolicionista, quanto das teorias que circundavam o mundo europeu e os autores que bebiam dessas fontes. A estipulação de pessoas através de sua nacionalidade ajuda a criar um imaginário sobre o imigrante nas páginas do jornal, ele se resume a pessoas imorais, espirituosas, violentas, astutas ao mesmo tempo que emocionais e hipócritas, pois tem fé no catolicismo, mas é representado por qualidades que fogem da moralidade.

Os objetivos com a pesquisa de compreender a concepção do imaginário sobre o imigrante espanhol que se localizava no Brasil com o intuito de entender a visão da mídia; identificar a história da migração espanhola em São Paulo para compreender a forma com a qual eles eram retratados; explicitar as vantagens e desvantagens que o estereótipo desses imigrantes acarretou para suas famílias no intuito de compreender o reflexo da posição social dessas gerações; entender as questões raciais da época ante a mídia brasileira para compreender o quanto influenciaram o imaginário sobre o espanhol e verificar a funcionalidade do jornal *O Estado de S. Paulo* mediante ao contexto imigratório, para entender a relevância que eles tinham nas mídias e contexto social foram respondidos ao longo do desenvolvimento do trabalho, partindo do jornal como fonte primária e o utilizando como norteador nas questões da pesquisa.

Devido a análise do ano de 1912, a hipótese central da pesquisa era que os imigrantes espanhóis, por mais que em grande contingente, enfrentaram problemas de aceitação ante as visões dos nativos brasileiros. As teorias raciais estavam em alta e por mais que os espanhóis

fizessem parte da tentativa de branquear a população, não eram considerados os candidatos ideais por seu histórico de mestiçagem com outros povos. Dessa maneira, sua descendência os fazia ter estigmas vinculados à inabilidade de trabalho quando comparados a outros imigrantes.

O jornal *O Estado de S. Paulo* em um artigo do dia 19 de novembro de 1912, na página 4, relata que em comparação com outros países europeus católicos, os espanhóis e portugueses estariam atrasados, nos deixando o questionamento se essa classificação se enquadra nas teorias raciais que estavam em alta no período. Portanto, a visão que o jornal tinha sobre o atraso educacional, espírito aventureiro, falta de compromisso e inabilidade para o trabalho, nos mostra que o imaginário sobre o imigrante espanhol era vinculado a alguém preguiçoso e com pouca educação, o que gerava um desprezo em comparação a outros imigrantes no viés trabalhista, e conseqüentemente, uma desvantagem no mundo do trabalho. Essas hipóteses ao longo da pesquisa foram ressaltadas e confirmadas, reiterando tudo que foi pensado.

A pesquisa abriu possibilidades de grande valia. Tanto a continuação e o desenvolvimento desse estigma ao prolongar dos anos, já que a incidência da palavra espanhol varia de diferentes formas. Um exemplo é a gripe espanhola de 1919, a visão do imigrante deve sofrer alterações ante a essa circunstância. Outro fator foi o mundo do trabalho e o quanto ele ainda pode ser explorado sob o olhar dos imigrantes, pois tanto o jornal como fonte primária, quanto fontes externas reiteram uma diversidade de papéis que esses imigrantes cumpriam.

Portanto, o imaginário sobre os imigrantes espanhóis era diverso e pejorativo diante do contexto vivenciado. O imigrante espanhol partiu mar afora para encontrar uma nova oportunidade de vida, ele viveu e colheu os frutos da sociedade brasileira do início do século XIX. Tendo sua religiosidade, formas de ver o mundo e se expressar criticadas, os espanhóis ainda assim conseguiram se fixar, crescer e fazer parte de uma das descendências mais presentes na constituição atual da nação brasileira.

5. REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 160 p. Tradução: Denise Bottman.
- SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. TEORIAS DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. In: XII ENCONTRO NACIONAL DA ABEP 2000, 13., 2000, Caxambu. **A migração internacional no final do século**. Caxambu: Abep, 2000. p. 1-19.
- CAPELANATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino** : imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo; Editora Alfa-Omega, 1980.
- CARREGA, Arthur Daltin. O boletim "A Imigração" e a propaganda imigrantista da Sociedade Central de Imigração no final do século XIX. **Temporalidades**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 265-288, 31 jan. 2017. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5782>. Acesso em: 02 jun. 2022.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTE, José Luiz. A Lei de Terras de 1850: e a reafirmação do poder básico do estado sobre a terra. **Revista Histórica**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-7, jun. 2005. Mensal. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia02/>. Acesso em: 08 jun. 2022.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012. 370 p.
- DE LUCA, Tânia. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C.B. (org). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005.
- DE LUCA, Tania Regina. A grande Imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza. DE LUCA, Tania Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 109 p.

GONÇALVES, Marcos. INTEGRISMO CATÓLICO NA ESPANHA DO SÉCULO XIX. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 47, n. 2, p. 225-230, 31 dez. 2007. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/his.v47i0>.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC/RJ, 2006.

NOLASCO, C; Migrações Internacionais: Conceitos, tipologia e teorias, In:, Oficina do CES, 434, 2016, **Coimbra**. Oficina, Coimbra: Colégio de São Jerónimo. P 1-29. TRABALHO APRESENTADO EM MEIO ELETRÔNICO.

LOSADA, Manuel Maria Rodriguez. **O Imaginário Radical em Castoriadis**. 1996. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996. Cap. 2.

GINZBURG, Carlo. Conversar com Orion. **Esboços: história em contextos globais**, Florianópolis, v. 12, n. 14, p. 163-170, 21 nov. 2007.

MAMIGONIAN, A. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 50, p. 83–102, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1123>. Acesso em: 3 jul. 2022.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, 16 set. 2011.

MARTINS, José Ricardo. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual?. **Iboamérica Social**, Sevilla, v. 5, n. 3, p. 95-108, 1 dez. 2015. Semestral. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/immanuel-wallerstein-e-o-sistema-mundo-uma-teoria-ainda-atual/>. Acesso em: 01 jun. 2022. Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo

MARTINS, José. A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força- de- trabalho na economia cafeeira: 1880-1930. **R.História**, São Paulo, v. 1, n. 121, p. 5-26, dez. 1989. Semestral. Cf. Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, anno XVI, n. 59-61

TORRES, E. A. R. T. Brasil: A terra de Jauja. Imigração espanhola no século XIX. **Revista XIX**, [S. l.], n. 2, p. 93–110, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21411>. Acesso em: 11 maio. 2022.

MUNANGA, Kambege. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ. Nov. 2003.

NOLASCO, C; Migrações Internacionais: Conceitos, tipologia e teorias, In:, Oficina do CES, 434, 2016, **Coimbra**. Oficina, Coimbra: Colégio de São Jerónimo. P 1-29. TRABALHO APRESENTADO EM MEIO ELETRÔNICO.

O ESTADO DE SÃO PAULO. In: FGV cpdoc. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: ESTADO DE SAO PAULO, O | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Acesso em:02 jun. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: são paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 424 p.

VAZ SAMPAIO, M. G. A crise de 1873 na Província da Bahia: efeitos internacionais sobre a recessão doméstica. **Cadernos de História**, v. 19, n. 31, p. 54, 30. maio. 2019.

S.I. **Centro de informações de acervos dos presidentes da república**. Disponível em: http://www.an.gov.br/crapp_site/default.asp. Acesso em: 14 jul. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no brasil 1870-1930. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 217 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Hisória do Brasil Nação**: Abertura para o Mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Mapfre e Editora Objetiva, 2012.

SCHWARCZ, Lilia; STERLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Leras, 2015.

TRUZZI, Oswaldo; PALMA, Rogerio de. A imigração espanhola no interior paulista: inferências a partir de um estudo de caso. **Contemporânea**, [s. l], v. 4, n. 2, p. 461-480, dez. 2014. Semestral.

6. ANEXOS

ASSUNTO	DATA	ENDEREÇO
AGRESSÃO	16 DE JANEIRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120116-12084-nac-0006-999-6-not
AGRESSÃO	25 DE ABRIL	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120425-12183-nac-0006-999-6-not
BANDIDO	18 DE FEVEREIRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120218-12117-nac-0006-999-6-not
BANDIDO	8 DE MARÇO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120308-12135-nac-0001-999-1-not
BANDIDO	17 DE MARÇO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120317-12144-nac-0004-999-4-not
BANDIDO	28 DE MARÇO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120328-12155-nac-0006-999-6-not
BANDIDO	30 DE JULHO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120730-12279-nac-0002-999-2-not
DESASTRE	28 DE JANEIRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120128-12096-nac-0005-999-5-not
DESASTRE	27 DE ABRIL	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120427-12185-nac-0006-999-6-not
ECONOMIA	29 DE DEZEMBRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19121229-12430-nac-0016-999-16-not
IMIGRAÇÃO	8 DE FEVEREIRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120208-12107-nac-0004-999-4-not
IMIGRAÇÃO	12 DE MARÇO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120312-12139-nac-0003-999-3-not/busca/53067
IMIGRAÇÃO	21 DE JUNHO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120621-12240-nac-0006-999-6-not
INDUSTRIALIZAÇÃO	16 DE SETEMBRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120916-12327-nac-0009-999-9-not
INDUSTRIALIZAÇÃO	19 DE OUTUBRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19121019-12360-nac-0008-999-8-not
NAVIO	6 DE MARÇO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120306-12133-nac-0003-999-3-not
NAVIO	29 DE ABRIL	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120429-12187-nac-0005-999-5-not

NAVIO	10 DE JULHO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120710-12259-nac-0004-999-4-not
NAVIO	4 DE AGOSTO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120804-12284-nac-0006-999-6-not
PRECONCEITO	20 DE SETEMBRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120920-12331-nac-0010-999-10-not
PRECONCEITO	19 DE NOVEMBRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19121119-12391-nac-0003-999-3-not e https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19121119-12391-nac-0004-999-4-not
RELIGIÃO	10 DE MAIO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120510-12198-nac-0003-999-3-not
RELIGIÃO	14 DE SETEMBRO	https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19120914-12325-nac-0003-999-3-not